

*Entre a fé
e a paixão*



Isabel Tavares

Entre a fé
e a paixão

Isabel Tavares

Isabel
TAVARES

Entre a Fé e a Paixão

Capa

Foto free – Picjumbo

Diagramação

Isabel Tavares

Fontes

Daydreamer

Dosis

Distribuição

Produção independente

Escrita por Isabel Tavares

Salvador – Bahia

Copyright 2016

História originalmente escrita em 2012 e 2013 em formato de post para blog.

Proibida qualquer cópia ou alteração.

Interessados em adaptar essa obra para outros formatos, entre em contato através do email isabeltavares@gmail.com.

Distribuição digital e download gratuito através do site isabeltavares.com.

Venda Proibida. Todos os direitos reservados.

Isabel
TAVARES

Sumário

Prefácio.....	6
Agradecimentos.....	8
Sinopse.....	9
Prólogo.....	10
Capítulo 1 - O primeiro olhar.....	15
Capítulo 2 - Uma surpresa na faculdade.....	18
Capítulo 3 - Amizade inesperada.....	23
Capítulo 4 - Ajudando à amiga.....	26
Capítulo 5 - Férias em Búzios.....	29
Capítulo 6 - Mensagem surpresa.....	33
Capítulo 7 - Surpresas mensageiras.....	38
Capítulo 8 - Os versos e as flores.....	44
Capítulo 9 - O primeiro encontro.....	50
Capítulo 10 - Um beijo doce.....	55
Capítulo 11 - Lugar especial.....	59
Capítulo 12 - O pedido.....	64
Capítulo 13 - Espontânea.....	69
Capítulo 14 - Alerta vermelho.....	75
Capítulo 15 - Culpada.....	79
Capítulo 16 - Remorso.....	84
Capítulo 17 - Tentando outra vez.....	88
Capítulo 18 - A outra.....	93
Capítulo 19 - Amigo a qualquer hora.....	99
Capítulo 20 - A decisão.....	106
Capítulo 21 - Quase decidida.....	110
Capítulo 22 - Excluindo da vida.....	115
Capítulo 23 - A dor da mudança.....	119
Capítulo 24 - Tirando proveito.....	124

Capítulo 25 - Começando o Amor.....	128
Considerações Finais.....	131



Prefácio

“Entre a Fé e a Paixão” surgiu a partir de experiências vividas na minha adolescência, principalmente na fase do colegial. Originalmente publicada de forma despretensiosa no meu antigo blog pessoal (intrepiida.com), a história foi tão bem aceita pelo público que resolvi tirar do ar e criar algo ainda melhor: um livro de verdade, ainda que em formato digital.

Foi em 2012 que publiquei o primeiro capítulo da história que chamei de websérie, pelo simples fato de está na web, mas hoje vejo que esse termo não é o ideal. “Entre a Fé e a Paixão” se tornou uma saga, devido aos diversos pedidos de leitores que desejavam logo uma continuação.

Nesse e-book, além de trazer a história publicada anos atrás no blog, recebe novos capítulos e tramas inéditas para os leitores queridos que me deram tanto apoio. Espero que supere as expectativas e principalmente que possa ajudar e inspirar de alguma forma. A história de Analize é uma reflexão verdadeira sobre a decisão diária de seguir a Deus em um mundo que já é do mal. Em nenhum momento tenho a intenção de falar de religião, muito pelo contrário, venho através dessa história falar de amor, um amor verdadeiro que vai além de qualquer sentimento humano.

Para quem não me conhece, sou Isabel Tavares, soteropolitana, casada e amante de um Deus único e poderoso. Me formei em 2015 na profissão dos meus sonhos – Jornalismo, e desejo com essa carreira comunicar de forma suave e compreensiva o amor de Deus pela humanidade, através de histórias inspiradas por Ele. A primeira dela está nesse livro, pensado, escrito e diagramado com todo carinho e cuidado para atingir os jovens de todo Brasil e logo, logo de todo o mundo.

Esse livro é dedicado a todos os jovens que um dia se apaixonaram pela pessoa errada.



Obrigada meu Deus por ter me inspirado a escrever essa história e me incentivado a não desistir de contá-la a todos os jovens do mundo.

A minha irmã, Regina Santos, que sempre acreditou em mim e apoiou fielmente as minhas ideias e histórias.

Ao meu marido, Gerson Tavares, pelo amor, confiança e incentivo fora do comum.

E a todos os leitores do meu blog que me incentivaram a continuar essa história que nasceu há tantos anos atrás em meu coração.

Muito obrigada a você que está lendo esses agradecimentos, tenha certeza que também faz parte desse sonho.

Sinopse

Analize é uma jovem cristã e estudante de Relações Internacionais com o desejo enorme de ser uma grande comunicadora poliglota. Conhece Henry na faculdade, um rapaz misterioso que desperta sua atenção logo de primeira. Através de suas duas amigas, Cassie e Lua, ambos acabam se tornando bons amigos. Além do Edu, seu confidente e melhor amigo, sempre atencioso, que adora esportes e estuda Educação Física. O que ela não esperava era se apaixonar por Henry, um rapaz tão diferente dela e com princípios controversos aos seus.

Um romance proibido. Ainda mais quando ela percebe que ele se tornou um aspirante à ateu. Dividida entre sua própria fé e a paixão arrasadora por Henry, o que irá acontecer na vida de Ana?

Analize - Protagonista e narradora da história, Analize é uma jovem cristã de 20 anos, estudante de Relações Internacionais, que sonha em ser uma grande comunicadora poliglota e trabalhar em vários países diferentes com ações voltadas para crianças e adolescentes. Branca de cabelo escuro e liso, é baixinha e têm olhos claros. Sempre atenciosa e uma amiga exemplar, ela também é dona de um estilo meigo e despojado e prefere ser chamada de Ana, apesar de amar o seu nome. Acredita no amor acima de tudo e tem em Deus um grande refúgio para momentos de tristezas e decepções.

Henry - Misterioso, extrovertido e questionador de tudo, Henry tem 22 anos e estuda Publicidade e Propaganda na mesma faculdade de Analize. É amigo de infância de Cassie e Lua, e foi através dessa amizade que conheceu e

se aproximou de Ana. Aspirante à ateu, ele acredita muito na ciência e é um questionador de tudo. Tem como hobby convencer as pessoas que o rodeia às suas ideologias. Sua aparência é forte, tem a pele cor de cobre, é alto, possui olhos castanhos claros e tem uma tatuagem tribal no braço esquerdo.

Cassie - Divertida e inquieta. Ela é estudante de Relações Públicas. Dividi o amor pela música assim como Edu. Adora cantar e é a mais animada das três amigas. Tem o cabelo claro, seu estilo é bem eclético e ama usar t-shirts divertidas. Cassie também é a melhor amiga de Ana e confidente para todas as horas.

Lua - Garota meiga que ama laços e vestidos rodados. Lua estuda Fotografia e teve uma rápida paixão por Henry, seu amigo de infância. Ruiva de pele clara, ela é um pouco tímida, mas quando se junta com as amigas se transforma em uma tagarela. Tem um gato preto como animal de estimação, chamado Lup.

Edu - Apaixonado por esportes e músico nas horas vagas, Edu adora cantar e tocar violão. Estudante de Educação Física, ele está sempre inventando alguma coisa pra fazer. Melhor amigo de Ana, guarda por ela um amor não correspondido. Cristão, paciente e tranquilo, conquista amizade de todos muito rápido. Moreno claro, bem alto, tem cabelo liso e preto.



“Pois ela foi submetida à inutilidade, não pela sua própria escolha, mas por causa da vontade daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria natureza criada será libertada da escravidão da decadência em que se encontra, recebendo a gloriosa liberdade dos filhos de Deus.”
Romanos 8:20-21

Prólogo

Sei que isso tudo é meio clichê, mas a verdade é que hoje eu sei que tudo foi uma paixão, uma paixão muito proibida. Conheci Henry na faculdade, por causa de nossos amigos em comum. Eu fazia Relações Internacionais e ele Publicidade. Todos os nossos amigos eram de cursos diferentes, só Lua e Cassie eram da minha turma, na disciplina de Marketing. Eu era bem próxima das duas e elas eram as melhores amigas de Henry, mas no início eu nem falava com ele direito.

- Vem Ana, o Edu vai tocar sua música favorita. Diz Cassie empolgada.

O Edu sempre foi uma pessoa que fazia amizade com todos muito rápido, sempre muito compreensivo e gentil, rapidinho se tornou meu amigo de confiança. Henry também adora a amizade com Edu. Fisicamente Edu é bem alto, cabelos e olhos muito escuros, pela branquinha e um sorriso meigo e destemido. Ele era estudante de Educação Física e eu dizia que um dia ele ainda seria meu personal trainer particular, mas isso só aconteceria quando eu tivesse trabalhando numa multinacional bem famosa. Edu sempre ria quando eu dizia isso.

- Tô indo, Cassie. Eu disse.

Ele tocava Realize da Colbie Caillat.

- Oi Edu, não para, tô amando. Você nunca me disse que sabia tocar essa música.

Ele não para e continua tocando lindamente.

Então, um cara alto, um pouco menor que Edu, moreno, olhos cor de mel e com uma tatuagem misteriosa de traços tribais no braço esquerdo. Era Henry, com seu jeitão fechado de ser. Ele chega e ouve de longe a música. Edu estava rodeado de pessoas, todos encantados com seu talento nato para música. Ele pensava em cursar Música assim que terminasse a primeira graduação.

Lua e Cassie me chama pra conhecer o Henry, finalmente! Ele não era aquele cara tímido, mas ficava na dele, sabe? Sempre o via, mas as meninas ainda não tinha me apresentado.

- Ana, você tem que conhecer o Henry nosso amigo de infância, vem. Diz Lua.
- Oi Henry, tudo bem? Essa é a Ana. Me apresenta Cassie, toda feliz.
- Oi, sou Analize, mas pode me chamar de Ana se quiser.
- Oi Ana. Sou Henry, prazer.
- Então porque vocês não conversam um pouco, vou comprar um sorvete e volto já. Avisa Lua.
- Eu vou com ela, tá? Fala Cassie também, saindo de braços dados com Lua.
- Então você é sempre assim, de poucas palavras? Digo de imediato.
- De vez enquanto. Não gosto de multidões. Fala Henry com um sorriso solto nos lábios.
- Sei como é. Você faz o quê mesmo?
- Faço Publicidade, tô no terceiro semestre. E você?

- RI com habilitação em poliglota.
- Hmm, muito bom. Já fala quantas línguas? Pergunta curioso.
- De início, inglês e espanhol, aprendi desde pequena. Meus pais me colocaram numa escola de idiomas aos 6 anos. Mas peguei fluência ensinando na minha igreja.
- Você é cristã? Ele pergunta sem dá muita importância.
- Sou sim. Falo orgulhosa e sorridente. E você?
- Não, não. Sem religião. Responde com ênfase e poucas explicações.

Eu simplesmente não pergunto mais nada sobre o assunto.

Essa foi a primeira vez que falei com o Henry, a primeira de muitas, com certeza. Ele me pareceu bem simples, mas ainda assim bem profundo.



O primeiro olhar

Capítulo 1

O primeiro olhar

Era sexta-feira e sempre nos reuníamos nesse horário no campus mais agitado da faculdade, o campus dos cursos de comunicação e arte, o meu campus. Das 16 até 19 horas ficávamos cantando, tocando e comendo besteiras, alguns bebiam, mas não era aquela bebedeira desordenada.

Depois dali todos iam para casa de festas no mesmo quarteirão da faculdade e um dos mais populares da região. A casa só abria depois das 19 horas e era o ponto de encontro certo de todos os universitários. O local tem um ambiente muito agradável, boa parte era sem cobertura, ao ar livre, todas as noites uma banda diferente tocava.

Sabia disso porque as meninas me contavam, eu ia só às vezes, pois às sextas-feiras ensinava espanhol para as crianças da minha igreja e era um prazer enorme fazer isso.

Nos finais de semana estudávamos como de costume, mas sempre havia uma fugidinha para nos vermos e fazermos alguma coisa alternativa.

Eu cristã, mas Cassie e Lua não eram. Só Edu que também compartilhava a mesma fé que eu, mas mesmo assim todos respeitavam nossa crença, sem preconceitos, por conta disso os encontros eram sempre satisfatórios e divertidos.

Fiquei sabendo depois de alguns dias que a Lua estava gostando do Henry. Não poderia dá uma opinião sólida sobre sua personalidade, mas ele não parecia ser

um carinho ruim. Não apoiei, nem “desapoiei”, apenas disse para ela ser cautelosa, porque o coração é enganoso.

Marcamos no domingo para comer uma pizza no parque florestal, um lugar lindo, rodeado por flores coloridas, árvores centenárias enormes e um pequeno lago artificial. Além do ambiente arborizado, o local também tinha alguns restaurantes e opções de lazer, como caminhada e pedalinho. Todos estavam lá, Edu, Cassie, Lua, Henry e mais três amigos dos dois, Gustavo e Miguel.

Ceguei depois de todo mundo, já tinham pedido a entrada e escolhido os sabores da pizza. Detesto chegar atrasada, mas acabei perdendo a hora no ensaio do coral de crianças que iam cantar amanhã cedo na escola primária do meu bairro. Eu realmente amo trabalhar com crianças, de todas as idades.

Depois de mim, uma amiga do Edu também chegou atrasada. Ela era ruiva de cabelos cacheados até a cintura, seu nome era Lindie. Sentou sorridente ao lado dele e conversaram individualmente a noite inteira, parecia que mais ninguém estava lá.

Eu acabei engatando uma conversa bem produtiva com Henry e Lua, que mantinha os olhos vidrados em cada detalhe. Também comecei a reparar mais nele, que parecia ser um cara bem maduro e centrado, apesar de ser muito bem humorado. Essa foi a primeira vez que reparei Henry de verdade.



Uma surpresa
na faculdade

Capítulo 2

Uma surpresa na faculdade

– Ah amiga acho que tô gostando do Henry. Me diz Lua enquanto falávamos da noite passada na pizzeria.

- Mas vocês não são amigos desde sempre? Porque isso agora? Respondi a ela.

- Eu sei. Mas eu não sei, parece que estou vendo ele com outros olhos agora, entende?

- Sei como é, mas cuidado pra você não estragar essa amizade.

- Unhmm. Sei disso, a Cassie me disse o mesmo.

Ela contou isso enquanto estávamos indo para sala de aula. Assim que chegamos Cassie e Henry estavam lá, conversando sobre alguma coisa que tinha haver com Adão e Eva. Pensei comigo mesma: “Mas ele disse que não era cristão.” Não entendi direito sobre o que estavam falando, só sei que não gostei da maneira arrogante e autoritária como ele comentava da história.

- Bom dia. Eu disse com um entusiasmo fingido.

- Bom dia Ana. Disse Cassie pra mim.

- Tudo bom Ana? Perguntou Henry.

- Tudo sim! Conversando sobre a Bíblia, é isso? Indaguei sem vergonha.

- Um pouco, esta mais pra umas dúvidas sobre a Bíblia. Respondeu ele firmemente.

- Sei como é. Eu disse, já um pouco chateada, sem saber ao certo o motivo.

- Bom, já vou indo, tenho aula agora também. Avisou Henry, sem notar minha indiferença.

Já minhas amigas perceberam, é claro.

- O que houve Ann? Perguntou Lua.

- Não gostei de como ele falou.

- Mas o quê que ele falou? Dessa vez foi Cassie que perguntou.

- Deixa pra lá, não sou nem amiga dele pra achar nada. Falei querendo mudar de assunto.

- Ontem vocês se entenderam tão bem não foi? Lua falou atenciosamente.

- Verdade, deve ter sido impressão minha, deixa pra lá.

Elas não se deram por satisfeita. Mas ainda assim Lua comentou sobre Henry durante toda a aula. De como ele era na dele, de como não se importava com que os outros pensavam sobre ele, de como era amigo e compreensivo, de como era “perfeito”. Não faltavam elogios para o carinha dos olhos cor de mel.

Eu entretanto não tinha nada a dizer sobre ele, mal o conhecia. Não poderia negar que foi super simpático noite passada, falamos sobre tudo, menos sobre ele. Até então ele ainda era um mistério pra mim, nada do que tinha acontecido foi

suficiente para eu simplesmente me encantar por ele, como as minhas duas amigas estavam encantadas, claro que a Lua estava bem mais empolgada.

Terminou a manhã e fomos almoçar. Cassie e Lua quiseram comer no restaurante natural, já eu queria comer churrasco, então nos separamos. Só não esperava encontrá-lo.

- Carne, bem no início da semana? Perguntou ele em um tom sorridente na fila do restaurante.

- E porque não? Perguntei com uma risada amarela.

- Posso sentar com você?

- Pode. Disse sem mais.

Fomos sentar-nos à mesa e a conversa que eu queria que tivéssemos começou.

- Então você ainda não falou muito sobre você, não é mesmo? Disse pra ele.

- Verdade, só não tenho muito o que falar sobre mim.

- Porque Publicidade? A maioria dos rapazes preferem exatas, ou algo mais concreto.

- Eu gosto da ideia de convencer as pessoas. Falou com um sorriso sincero que eu gostei demais.

- Entendo, poder de persuasão né? Pode ser uma qualidade ou um defeito. Comentei colocando um pedaço de picanha na boca.

- Digamos que sim, independente de ser defeito ou qualidade, eu uso isso ao meu

favor.

- Já eu não me dou bem nisso, não gosto muito de insistir com alguém que não quer acreditar no que digo.

- Aí que tá! Insistência, perseverança e persuasão andam juntos e são inseparáveis.

- E é aí que começa a graça de tudo. Eu disse sorrindo.

- E você tem alguém que já te convenceu de alguma coisa, você não me parece ser uma pessoa fácil de convencer. Perguntou Henry.

- E não sou mesmo, quando tenho certeza absoluta, nada tira essa certeza de mim. As pessoas não costumam nem tentar me convencer. Admiti surpresa com a minha auto reflexão.

As horas passaram muito rápido que nem percebemos. Já estávamos na segunda sobremesa quando tivemos noção do horário. Eu e ele embalados numa conversa gostosa e sem pressa.



Amizade inesperada

Capítulo 3

Amizade inesperada

Depois da nossa conversa no almoço, as coisas mudaram muito, nos tornamos muito amigos. Eu e Henry, amigos quase inseparáveis. Agora não é só a Lua e a Cassie que admiram e estão encantadas por ele, claro que cada uma com um encantamento diferente.

Com o passar dos dias, logo depois das provas, Lua vendo a minha aproximação com Henry aumentando cada vez mais, resolveu pedir minha ajuda para ver se ela teria alguma chance com ele.

- Poxa Ana, por que você não fala alguma coisa de mim para o Henry. Disse ela em meio a uma conversa despreocupada.

- Pode ser Lua, eu posso tocar no assunto pra ver o que ele diz.

- É, parece que vocês já são amigos desde sempre. Disse ela em um tom curioso.

- Eu sinto que já conhecia ele há um bom tempo também, não entendo o porquê, mas é bom isso.

- Então aproveita e fala de mim, amiga. Pediu ela.

- Pode deixar, vou fazer o que posso.

Ela me fez quase prometer isso, mas sinceramente não sei como vou falar. A gente quase nunca fala de relacionamentos, é como se vivêssemos em um mundo

paralelo, sabe? É uma conexão sem igual.

Mas enfim, o engraçado é que ao mesmo tempo que me aproximava do Henry, me aproximava do Edu também, e era tão gostoso estar com os dois, o ruim mesmo, foi que eu estava me afastando das minhas amigas.

O Edu ama cantar, tocar e adora esportes, isso tudo faz meus olhos brilharem. Já o Henry não curte nada disso, por outro lado é misterioso, autêntico, decidido e cheio de ideologias. Ele me intriga e ao mesmo tempo me deixa fascinada.

Passou mais uma semana e Edu me chamou pra ir almoçar novamente na casa dele. Costumávamos fazer isso sempre que possível. Eu fui, pois sempre amei a comida deliciosa da dona Marta, a mãe do Edu.

Depois do almoço ele tentou me ensinar umas notas no violão, mas acabei só o ouvindo tocar maravilhosamente bem. Falando assim parece até que me apaixonei por ele, né? Todo mundo pergunta, mas não é isso, ele pra mim é como um irmão e amigo perfeito.

Durante a noite do mesmo dia fui ao shopping e me encontrei com Henry sem querer. Fomos tomar sorvete e tentei começar aquela conversa que tive com a Lua alguns dias atrás.



Ajudando a amiga

Capítulo 4

Ajudando a amiga

Criei coragem e entrei no assunto quase que proibido com Henry no shopping. Falei sobre relacionamentos amorosos e da Lua. De início ele não mostrou muito interesse, mas aí na segunda-feira, durante o intervalo das aulas deixamos eles dois à sós.

Sinceramente não sei no que isso vai dar, mas só em ver a Lua com aquele sorriso já valeu ter ajudado.

O tempo passou. Eu e Edu acabamos nos vendo cada vez menos, mas ainda assim nossa amizade não se esfriou. Ele tinha começado seu estágio numa academia bem longe da nossa faculdade, então precisava sair da aula cedo e ir direto pra lá.

Lua também estava muito ocupada procurando um emprego na sua área, sempre saía correndo da faculdade, para ganhar tempo levando seu currículo em vários lugares.

Henry misterioso como sempre mantinha uma névoa envolta de si, ainda que conversássemos bastante.

Sobrou Cassie e eu, passamos a fazer mais coisas juntas, como sair, ir ao cinema e até mesmo estudar. Claro, que não poderia me esquecer do assunto entre Lua e Henry, parecia que ele estava dando mais atenção a ela, mas não a atenção que ela queria. Fazia um tempo que eles estavam saindo, mas nada acontecia, pelo menos não que eu estivesse sabendo.

No intervalo das aulas perguntei rapidamente para Lua como estava o clima entre ela e Henry.

- E aí Lua? Me conta, como estão vocês dois? Perguntei em um tom animado.

- Não sei não Ana, ele tá sendo bem legal comigo, a gente tem se entendido muito bem. Estamos passando mais tempo juntos, apesar da minha correria, mas ele tem se mostrado cada vez mais meu amigo do que qualquer outra coisa.

- Poxa Lu, tem certeza? Pode ser só o jeito dele de ser. Você sabe bem disso, por conhecê-lo há mais tempo que eu. Dá pra perceber que ele gosta muito de você, apenas dê mais tempo a ele.

- Ah Ana, não sei! Tô meio desanimada. Não parece que ele quer mais do que amizade.

- Pense bem Lu. Não seja atirada, mas observe os sinais dele.

- Eu sei Ana. Vou ver se percebo alguma coisa, vamos ao cinema esse sábado.

- Então! Observa tudo e depois me conta.

- Certo, tenho que ir. O professor já está entrando na sala. Falou ela apressadamente.

Fiquei tão triste quando a Lua me contou isso. Pensei que eles iam acabar namorando, mas não é o que parece, o melhor mesmo é dar tempo ao tempo.



Férias em Búzios

Capítulo 5

Férias em Búzios

- **D**esisto amiga! Chega Lua dizendo com um tom decidido, mas ainda assim frustrado.

- Desistir de quê? Perguntei estática.

- Desisto de ser mais alguma coisa além de amiga do Henry. Falou um pouco triste.

- Mas vocês conversaram direitinho sobre o assunto?

- Na verdade como você havia falado não enxerguei nenhum sinal da parte dele e resolvi que é melhor sermos apenas amigos. Insistiu Lua.

- Esta certa disso? Perguntei mesmo assim.

- Estou! Ela respondeu sem hesitação.

Foi inevitável não pensar sobre o assunto. Havia falado com ela na quinta-feira e na segunda ela já vem decidida em ser só amiga dele. Lua não pareceu abatida, o que me consolou bastante. Apenas perguntou se Henry percebeu sua investida frustrada e acabou tendo a resposta imediata: “Ele não é tão bobo assim”. Aliás ele não parece nem um pouco bobo mesmo. Uma coisa estava certa, esse assunto estava acabado finalmente e não haveria mais comentários sobre isso.

O tempo passou mais uma vez e quase sem perceber, já havia se passado um semestre e meio. Estávamos no final do ano, tempo das provas finais da faculdade e

os preparativos para as férias.

Avisei para minhas amigas, Cassie e Lua, que teria um luau de ano novo da minha igreja em Búzios e as convidei junto com suas famílias. Também chamei Edu e Henry. Edu disse que ia com os pais e a irmã mais nova. Henry, porém avisou que não poderia ir, pois já havia programado uma viagem com os irmãos, não entrou em detalhes e eu respeitei sua decisão mesmo imaginando que seria provável uma resposta negativa, resolvi chamá-lo mesmo assim.

Nas férias...

Chegamos cedo a Búzios. Eu, meus pais e nosso grupo da igreja fomos de catamarã -um tipo de embarcação parecido com jangada ou lancha, só que maior. Afinal o planejado era passar uns vinte dias na ilha. Chegamos na véspera de natal e a dedicação total era para a noite de ano novo. Durante a noite do grande dia da virada do ano de 2010, fizemos um jantar especial e nos dias seguintes fomos às compras de comidas, bebidas e decoração para o luau na praia.

Ajudei em quase tudo. A decoração ficou por minha conta e a comida minha mãe cuidou da comida, com a pequena participação de sua filha única, dando palpite em cada detalhe. Fiz a decoração com velas cor de rosa e azul, fugindo do branco, pois imaginei que a maioria dos convidados estaria vestida a caráter. Rodeei caminhos com as velas na areia e armei grandes mesas comunitárias para o jantar e petiscos que seriam servidos.

Não teve nenhum tipo de bebida alcoólica, tão pouco champanhe, ao invés disso acrescentei refrigerantes, coquetéis sem álcool e suco de maçã com gás para celebração. Deixamos os fogos de artifício por conta da praia ao lado, afinal não estávamos fazendo uma super festa, apenas uma reunião particular de uma igreja simples do Flamengo.

No final da celebração, depois da oração feita na hora da virada, quando o ano novo

já havia chegado e os mais velhos estavam exaustos, os jovens se aproximaram do mar e fizeram uma fogueira. Vimos o sol do novo dia nascer e depois pegamos no sono ali mesmo. Todos que convidei compareceram, apenas Henry não estava lá, e por incrível que pareça para mim, senti muito falta dele.



Um sentimento novo

Capítulo 6

Um sentimento novo

Na manhã seguinte reparei que não tinha levado o celular para praia e quando o peguei vi que tinha duas ligações perdidas de Henry e uma mensagem:

Feliz Ano novo, minha pequena!
Que esse ano traga experiências inesquecíveis e
momentos únicos para nós dois.
Um beijo cheio de amor, Henry.

Meu coração de repente acelerou com aquelas palavras tão repletas de carinho. Nós dois... essas duas palavrinhas martelaram na minha cabeça pelo resto do dia. Faltava um mês para nos vermos de novo na faculdade e eu desejando que fosse agora. Olhar nos seus olhos de mel e abraçar seus braços com força de tanta saudade que estava sentindo.

- Meu Deus o que esta acontecendo comigo? Repeti em voz alta pra mim mesmo e para Deus.

- O quê Ana? Perguntou minha mãe enquanto cortava cenouras para o almoço.

- Nada mãe, nada. Respondi com vergonha de ter falado aquilo em voz alta.

Estava na mesa da cozinha da casa alugada pelo grupo em Búzios, fazendo a salada tropical do primeiro almoço do ano. Quando terminei peguei o celular e retornei a chamada de Henry, depois de não parar de pensar em sua mensagem.

Depois de duas chamadas ele atende:

- Pensei que não ia me ligar e que já tinha me esquecido. Disse ele com uma voz descontraída.
- Não levei o celular para praia ontem, só vi sua mensagem hoje de manhã. Como foi sua noite de ano novo? Perguntei um pouco nervosa.
- Foi bem. Senti sua falta esses dias. Confessou mais baixo.
- Eu também, só faltou você lá no luau.
- Todos foram? Até Edu? Numa curiosidade nova, perguntou Henry.
- Sim, todos foram, menos você. Enfatizando a falta da sua presença.
- Você sentiu minha falta? Ele me perguntou, ainda em tom baixo.
- Senti. Admiti constrangida.

Um silêncio veio e duraram alguns segundos que pareceram longos minutos.

- Não vejo a hora de ti ver de novo. Falou ele com firmeza.
- Éeee... Gaguejei desajeitada.

Totalmente atordoada por sua voz rouca ao telefone que despertei zozona ao ouvir Cassie me gritando no andar de baixo. Ele tinha ouvido e falou:

- Se quiser pode ir, depois agente se fala.

- Tá, me liga mais tarde.

- Te ligo com certeza.

Bati primeiro, antes de desistir da ideia. Desci correndo as escadas não dando tempo de pensar na conversa, ficando ela em segundo plano na minha mente quando avistei Cassie.

- O que foi Cassie?

- Ouvi você no primeiro andar, pensei que ainda estivesse dormindo. Preciso te contar uma coisa. Falou ela animadíssima.

- Fala logo, então. Disse depressa.

- Peraí! Quem estava lá em cima com você? Estava falando com alguém no celular? Perguntou ela como se não houvesse percebido isso antes.

- O que é que você acha? Falando sozinha é que não estava né? Respondi e sorri ao mesmo tempo lembrando dele, porém hesitei em lhe contar o que estava acontecendo.

Após isso ela ficou horas durante e depois do almoço contando pra mim e para Lua sobre Valentin, o baterista de lá da igreja. Cassie parecia uma adolescente apaixonada em um de seus devaneios de amor. Ouvia tudo com atenção desejando não parecer nem um pouco com aquilo quando me apaixonasse por alguém. Assim que pensei “quando me apaixonar por alguém”, lembrei dele outra vez.

Não era possível que isso estivesse acontecendo logo comigo. Logo por Henry. Era óbvio que ele era um cara ótimo, atencioso, tinha uma conversa boa, além de ser lindo trazia um ar misterioso que involuntariamente eu queria desvendar.



Surpresas mensageiras

Capítulo 7

Surpresas mensageiras

No dia seguinte percebi que não consegui dormir direito. Por volta das 23 horas, Henry tinha me ligado e conversamos sobre os dias que não nos falamos. Era tão bom conversar com ele que o desejo de vê-lo só aumentou. Em todo tempo me perguntava se ele estava sentindo o mesmo que eu, ao mesmo instante que meu coração apertava se a resposta fosse o contrário.

Acordei, ou quase isso, com duas olheiras escuras e enormes envolta dos olhos. É claro que as meninas iam perguntar o que havia acontecido!

Quando descii para tomar café, de cara me bati com Edu, e só então notei que tinha visto ele apenas de relance ontem.

- Edu, nem ti vi direito ontem. Disse pra ele assim que o vi.

- Verdade Ann, me desculpe. O pessoal da banda me chamou cedo e passamos o dia inteiro jogando futebol, vôlei de praia e tudo que você imaginar. Falou Edu rindo.

- Tudo bem Edu, mas passa o dia hoje comigo e com as meninas.

- Certo! Tomamos café e inventamos alguma coisa interessante para fazer. Ele aceitou, para minha alegria.

Pelo menos já seria uma distração perfeita para mim.

- As meninas já acordaram? Ah, e Henry te ligou ontem?

- Henry? Perguntei sem entender do que ele estava falando.

- Sim! Quando voltamos do luau vi uma ligação e uma mensagem dele perguntando se você estava por perto.

- Ah, sim! Ele havia me ligado também, mas só vi de manhã mesmo e depois retornei para ele. Tentei falar o mais despretensioso possível.

- Então, beleza! Disse Edu, aparentemente sem entender minha tentativa frustrada de mudar de assunto.

No mesmo instante Cassie e Lua descem as escadas conversando e rindo alto. A essa altura os pais delas já estavam a caminho de volta à cidade.

Depois de tomamos café da manhã fomos à praia jogar conversa fora e tocar um pouco. Cassie e Edu cantaram e tocaram. Rimos muito e na hora do almoço voltamos para casa. Apesar de ocupar minha mente com outras coisas pensei bastante no Henry, sobre nossa conversa e o tom de voz dele tão doce e suave ao telefone. De tarde perdi totalmente a vontade de fazer alguma coisa junto com a galera. Fui para o quarto e disse que queria descansar um pouco, sei que acharam estranho, mas preferiram não questionar, assim que prometi que desceria mais tarde.

- Meu Deus, não sei o que está acontecendo comigo. Estou me apaixonando logo pelo Henry! Porque meu Deus?

De joelhos aos pés da cama comecei a conversar com Deus sobre o que estava sentindo. Sempre fazia isso, mas dessa vez foi ainda mais intenso, era como se o que estivesse sentindo fosse algo anormal, inédito. É realmente era.

Falei, falei e falei por longos minutos. Uma mistura de prazer com ansiedade. Culpa com alegria. Empolgação com cautela. Pelo menos quando acabei de orar me sen-

ti mais aliviada e tranquila. Percebi que havia passado duas horas depois que subi do almoço. Tomei um banho e me arrumei para descer, quando o celular tocou. Era uma mensagem dele.

Oi linda, estou com saudades,
queria poder te ver.
Quando você volta de viagem?

Meu coração bateu rápido demais ao ler suas palavras, no mesmo minuto respondi:

Oi Henry, provavelmente uma semana antes de começar as aulas. Também estou com saudades de conversar com você. “

Não demorou muito e ele me mandou outra mensagem:

Tá tão longe ainda! Quería ver você...
Sei que nos falamos não tem nem 24 horas,
mas sonhei com você está noite.

“Oh meu Deus, ele sonhou comigo?! O que será que ele sonhou?” Pensei e de repente gelei. Minhas mãos começaram a suar de ansiedade, mas tratei de me recompor e perguntei:

Sonhou comigo?

Apenas duas palavras. Simplesmente não sabia mais o que dizer. Ele retornou outra vez:

Você estava perfeita como sempre. Estávamos em um jardim repleto de orquídeas lilás e rosas brancas. O sonho foi rápido mas essa cena perfeita ficou gravada em minha mente.

Oh céus! Orquídeas lilás e rosas brancas? Como pode? Essas são minhas flores preferidas!

Sério? Essas são minhas flores favoritas. Como isso é possível? Você sabia disso? Eu te contei isso?

Ele respondeu incisivo:

Não! Você nunca me contou isso, e quer saber? Não acredito em coincidência!

Concordei com ele. Eu também nunca acreditei em acaso ou coincidência. Alguma coisa tinha aí! Destino? Não! Um sinal? Mas, sinal de quê? Continuamos conversando sobre seu sonho misterioso e eu viajando em sua descrição encantadora.

As horas se passaram, perdi a vontade de descer para ficar com as meninas e Edu. Eles, entretanto pareceram bem ocupados, pois ninguém foi me procurar durante a tarde toda.



Os versos e as flores

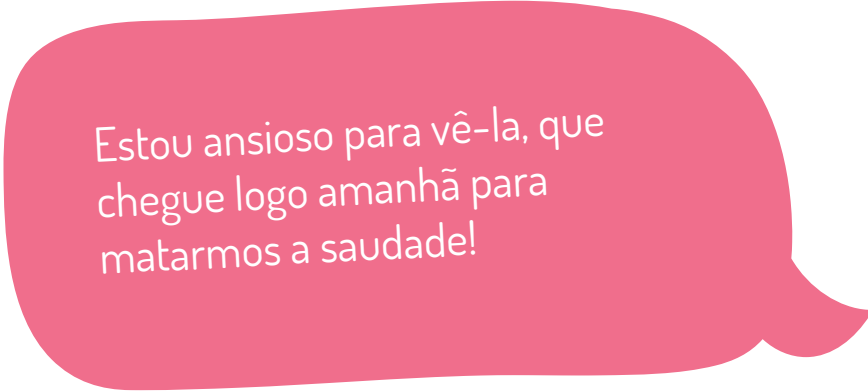
Capítulo 8

Os versos e as flores

Já era hora de voltar. As semanas que se passaram procurei aproveitar o máximo com meus amigos, distrair a mente, jogar, acessar a internet e até mesmo estudar um pouco alemão e francês.

Não ficava nenhum dia sem falar com Henry. Quando eu não ligava, ele ligava. Nossa interação foi cada vez mais aumentando e a vontade louca de ver um ao outro era intensa.

Enfim chegou o dia. Estávamos voltando para casa, era domingo a tarde e na segunda-feira seria o primeiro dia de aula, mandei uma mensagem para Henry avisando que estava na estrada. Ele imediatamente respondeu:



Estou ansioso para vê-la, que chegue logo amanhã para matarmos a saudade!

Não era novidade pra ninguém que estávamos cada vez mais íntimos, até minha mãe já percebia quando estava conversando com ele pelo telefone.

Assim que cheguei em casa, antes de meu pai estacionar na garagem segui para caixa dos correios a fim de pegar as correspondências. Em meio às cartas de pagamento encontrei um envelope diferente, era rosa bebê trabalhado com

margaridas em alto relevo. Ao investigar melhor vi que o destinatário estava em meu nome, ao abrir me surpreendi com as palavras escritas em um papel na cor creme e fonte caramelada

*Para a rosa mais bela de todas deixo um pedaço do meu
carinho e devoção por ela.*

*Nem que eu contasse as estrelas do céu ou despedaçasse
uma por uma das pétalas existentes nas flores d
e todos os jardins do mundo,*

não poderia contar às vezes que penso nela.

*Entre as margaridas e copos de leite existe uma rosa branca,
grande e satisfeita a sorrir pra mim todos os dias.*

*Mantendo-me limpo e de pé respirando
o seu perfume viciante e enlouquecedor.*

Ah se as flores falassem...

Levaria pra você agora o meu sussurro de saudade.

Entre as margaridas e copos de leite existe você minha bela.

Com carinho e saudade,

Henry Matias.

- Meu Deus, Meu Deus, o que é isso? Disse em voz alta.

Continue andando abismada com o poema que Henry me deu: "Será que foi ele que escreveu?" Perguntei-me, e as últimas palavras do poema martelava em minha cabeça: "Entre as margaridas e copos de leite existe você minha bela."

Como se não bastasse encontrei em frente à porta de casa um buquê gigante de margaridas e copos de leite. Ao pegá-lo percebi que no meio do buquê havia uma rosa branca linda, grande e aberta. As flores estavam frescas como se estivessem sido colocadas ali há poucos instantes. Olhei para os lados com o intuito de ver alguém diferente por perto, mas nada, não havia ninguém. Meus pais tinham entrado pela porta dos fundos. O que eu ia dizer a eles quando entrasse com aquele buquê enorme?

Minha mãe foi a primeira a perguntar:

- Filha, quem te deu isso?

- Estava aqui na porta mãe.

- Quem deixou aí? Não veio com nenhum cartão ou algo assim?

- Aqui no buquê parece que não, mas tinha uma carta diferente na caixa dos correios. Foi um amigo meu que mandou, mãe.

- Henry! Disse minha mãe afirmando.

- Como à senhora sabe? Perguntei rindo.

- Esse rapaz te ligou as férias inteira. Vocês passavam horas no celular, quem mais poderia ser? Vocês estão namorando? Quero conhecê-lo, Ana!

- Não é nada disso mãe. Não estamos namorando, somos só amigos, bons amigos.

- Sei! Traga ele aqui um dia.

- Eu trago mãe, mas estou falando a verdade.

- Tudo bem! Agora leve isso logo pro seu quarto... Ela nem terminou de falar, quando meu pai entrou na sala.
- O que é isso Ana?
- Flores, pai, um amigo me mandou como boas-vindas.
- Amigo? Mudou de nome agora?
- É só um amigo pai, quando for namorado sabe que será o primeiro a saber.
- Eu sei filha, não precisa se preocupar com isso. Acredito em você e sei que fará a escolha certa. Se for esse amigo, já ganhou ponto comigo, flores sempre agradam as mulheres e esse especialmente conhece bem você, não é? Margaridas e copos de leite são as suas favoritas.
- Verdade, pai, nem sei o que dizer a ele agora.
- Isso é o mínimo! Apenas agradeça.

Eu ri e respondi:

- Ok! Você é homem, então entende.

Eu estava surpresa demais e radiante de felicidade ao mesmo tempo, com tudo isso. Deixei as flores na penteadeira e fui tomar banho. Na volta ao pegá-las novamente para colocar no vaso com água, encontrei um pequeno bilhete escrito a mão em meio a multidão amarela e branca, que dizia:

Seja bem-vinda minha flor, não vejo a hora de te ver amanhã.

Meu coração acelerou disparadamente. Sentir o seu perfume naquele bilhete e imediatamente guardei dentro da minha Bíblia, que estava na cabeceira da minha cama. Pus o vaso com as flores também na cabeceira. Como ele sabia que elas eram as minhas preferidas? Como ele descobriu o meu endereço?

As horas demoraram de passar. Fui conferir meu horário semestral e em seguida deitei na cama, exausta da viagem e com a mente a mil pensando em tudo que estava acontecendo. Na verdade eu não estava totalmente feliz, estava preocupada. Eu não podia me apaixonar agora, não pelo Henry. O que meus pais iam dizer? Minha mãe fez muitas perguntas, mas sei que não vai gostar nada e meu pai ficou tão feliz com a atitude dele, quando ele descobrir quem é com certeza vai mudar de ideia.

Me remexi na cama a noite inteira, ao pegar no sono sonhei com ele e antes de terminar acordei com o barulho do despertador. Era hora de me arrumar para ir à faculdade.



O primeiro encontro

Capítulo 9

O primeiro encontro

Estava nervosa com o primeiro dia de aula do semestre. Comi feito uma louca no café da manhã. Minha mãe logo percebeu:

- Porque está nervosa Ana? Perguntou preocupada.

- Não é nada. Só a expectativa com o primeiro dia de aula.

- Pare de comer tanto, vai acabar passando mal.

Eu tinha colocado três pedaços de bolo de abacaxi, uma caneca grande e cheia de chocolate quente, duas bananas, uma pêra e quatro fatias de queijo, peito de peru e salame. Nem terminei e já estava enchendo uma xícara com mingau de milho, pegando uvas na geladeira, não parava quieta.

- Pode lagar isso Ana! Detesto quando você fica ansiosa desse jeito! Ordenou minha mãe muito séria enquanto eu colocava duas uvas de vez na boca.

- Desculpa mãe! Mas é incontrolável. Respondi com a boca cheia de uvas.

- Pare já! Vá logo embora e nada de levar lanche hoje.

- OK, mãe!

- Venha almoçar em casa, tá?

- Tudo bem. Aceitei sem protestar.

Subi para pegar a bolsa. Ao encontrar o celular na cama vi uma mensagem de Lua e lembrei que nem tinha ligado para agradecer a Henry pela surpresa de ontem à noite, com isso fiquei mais nervosa ainda.

Mais tarde na faculdade, fui direto para sala de aula e não contei nada para as meninas. Ao termino da primeira aula recebi uma mensagem de Henry no meu celular dizendo:

Bom dia minha flor, onde está você?
Estou te esperando em frente
à Subway do campus 4.

Meu coração palpitou. Ora, o que esta acontecendo comigo? É só o Henry, meu amigo, mais nada! Repetia incisivamente para mim mesma.

Não disse aonde ia, nem para Lua, nem para Cassie. Desci as escadas indo ao encontro dele. No caminho encontrei Edu - nossa que saudades do Edu! De ouvi-lo tocar, da comida divina da mãe dele e das nossas conversas sem pressa.

- Oi Edu. Falei abraçando-o animadamente.

- Oi Ana. Que saudade, você sumiu. Disse Edu correspondendo ao meu abraço.

- É... Só cheguei de viagem ontem a noite mesmo.

- Ok. Mas e aí está sem aula? Perguntou Edu querendo puxar assunto.

Minha vontade também era ficar ali conversando tranquilamente com Edu. Me

sentia tão à vontade e em paz quando estava com ele, mas o desejo arrebatador de rever Henry foi mais forte, acabei dispensando Edu depressa demais.

- Na verdade terei aula daqui a 15 minutos, mas antes preciso dá um pulinho lá em baixo. Desculpa Edu! Mais tarde nos falamos melhor, tá? Respondi sem graça, mesmo com pressa eu sempre dava uma atenção especial a ele.

- Tudo bem Ana, mais tarde nos falamos.

Dei um beijo em seu rosto e sair quase correndo descendo outro lance de escadas. Senti os olhos de Edu me fitando como laser de gelo e foi uma sensação nada boa. Ele estava desconfiado e eu percebi isso. Eu não podia mentir, mas o que eu ia dizer a ele depois? Tenho certeza que Edu iria me perguntar o que estava acontecendo.

Cheguei rapidamente ao térreo, minhas pernas ficaram bambas, indo na direção do quarto campus da faculdade. De longe avistei Henry parado, encostado em um carro preto e moderno, chaves nas mãos. Mentalmente perguntei-me: Henry tem carro?

Ele tinha me visto também e sorriu de forma encantadora para mim, ele estava deslumbrantemente vestindo sua inseparável camiseta preta mostrando seus ombros musculosos e a linda tatuagem tribal desenhada em seu braço esquerdo, calça jeans e sandálias havaianas brancas. Fui me aproximando devagar e sorri timidamente de volta.

- Oi minha linda. Como passou a noite? Ele perguntou segurando minha mão alegremente.

- Oi Henry, foi bem. Fiquei muito surpresa com as flores e o poema, foi você que fez?

- Foi sim, sentimentos bons sempre me inspiram.
- Desculpa não ter ligado nem nada, fiquei tão surpresa, tão paralisada que acabei me passando.
- Tudo bem, minha flor, não precisa se preocupar com isso.

Sorri e perguntei para descontraír:

- Motorizado agora?
- É, comprei com as economias.
- E quê economias, né? O carro era um Hyundai Elantra preto, lindo de morrer.
- Vamos dar uma volta para conversarmos melhor? Afinal foram 30 dias sem te ver.
- Verdade! Tenho aula agora, mas é só o primeiro dia então não tem problema.

Imediatamente ele abriu a porta do carona para mim e entrou pelo outro lado.

- Curte velocidade? Perguntou rindo a toa.
- Não muito. Ri também avisando.

Ele partiu arrancando e todos olharam para nós, de relance avistei Lua, Cassie, e Edu olhando de maneira curiosa.



Um beijo doce

Capítulo 10

Um beijo doce

E agora? O que eu iria dizer para as meninas e para Edu? O que eles iam pensar? Eu saindo da faculdade bem no primeiro dia de aula? É claro que eles estavam desconfiados e sem saber o que estava acontecendo, na verdade nem eu sabia o que estava fazendo.

Logo, logo meu sorriso fácil deu lugar a uma pequena ruga de preocupação. Henry havia notado e então perguntou:

- O que foi? Se arrependeu de ter vindo? Quer voltar? Prometo que não vou correr.
- Não, não é isso. Respondi com o pensamento distante.
- Pode falar o que foi que deixou você assim?
- As meninas e Edu, eles olharam com... Não, não é nada besteira minha.
- Se você não quiser falar tudo bem, só não fica assim.
- Já passou. Onde estamos indo mesmo, hein?
- Surpresa...

Eu simplesmente não conseguia parar de olhá-lo. Como isso havia acontecido? Como ele, de repente, ficou tão, tão, tão encantador? Inundada em pensamentos, andando em meio à cidade movimentada eu só conseguia ter noção do que estava naquele carro, de quem estava naquele carro. Henry perguntou se eu queria ouvir

alguma coisa e ligou o rádio do carro, estava tocando No One de Alicia Keys.

- Gosta? Perguntou Henry olhando rapidamente nos meus olhos.

- Pode deixar aí. Respondi.

Alguns minutos depois parece que chegamos onde ele queria, mas eu ainda não havia identificado o lugar. Do nada fiquei nervosa, sem saber o que falar. Ele parou o carro tirou o cinto de segurança e se virou para me olhar. Eu também havia tirado o cinto e encarei o rosto de Henry que me olhava fixamente sem piscar, não conseguia decifrar sua expressão e então ele desligou o som do carro no mesmo instante que eu ia fazer o mesmo, nossas mãos se tocaram de um jeito diferente e ele quebrou o silêncio dizendo:

- Sabe Ana, eu acho que você já deve ter percebido o quanto que eu estou a fim de você e eu realmente não sou de fazer isso, mas quando estou com você, quando falo com você parece que nada mais existe, que nada mais importa. Ele se aproximou mais de mim e continuou:

- Sei que somos diferentes, mas nada importa se eu não estiver com você...

Henry tocou meu rosto devagar, beijou minha bochecha carinhosamente, meu corpo se arrepiou com seu toque e meus olhos se fecharam instantaneamente. Quando ele retornou e olhou o meu rosto sua expressão era de desejo e carinho, não pude evitar me aproximar mais dele. E então ele segurou meu rosto com as duas mãos e me beijou. Seu beijo era doce e sedutor, lento, saboroso e demorado, era como se fosse o meu primeiro beijo de verdade, segurei seu pescoço e acariciei seu cabelo lentamente. E de repente acabou o momento mais maravilhoso que vivi naquele ano. Sem fôlego abri os olhos e vi o homem dos meus sonhos irradiando alegria e prazer.

- Você é a pessoa mais encantadora e maravilhosa que conheci, eu também estou

gostando muito de você. Eu disse a ele.

- Você que é maravilhosa e encantadora. Você é perfeita Ana, não mais do que isso.

Sorridente perguntei:

- Onde estamos?

- Venha ver...



Lugar especial

Capítulo 11

Lugar especial

Ele me levou a uma praia próxima da nossa faculdade. Logo lembrei que havia comentado uma vez com ele que tinha o desejo de conhecê-la. Ao sairmos do carro Henry rapidamente segurou minha mão entrelaçando nossos dedos com ternura. Meu coração parecia que ia sair pela boca e minha vontade era beijá-lo novamente. Andamos um pouco mais pela areia branquinha e então ele parou me colocando na sua frente, seus olhos castanhos cor de mel me olhando fixamente. Não disse nada a princípio e me beijou lentamente mais uma vez, agarrei seu braço que me envolveu em um aconchego apaixonado. Estava tudo perfeito, nem se eu imaginasse não seria assim tão lindo como estava sendo.

Jogamos conversa fora no restante da manhã, só então me dei conta que já era uma hora da tarde, que eu tinha um compromisso na igreja às quatorze horas e ainda nem tinha almoçado.

- Henry! Tenho que ir, já é tarde, tenho compromisso às duas! Disse levantando da areia.

- Já? Que compromisso você tem?

- Tenho reunião na igreja para decidir as atividades que faremos com as crianças esse ano.

- Tudo bem, mas você precisa comer alguma coisa.

- Não vai dar tempo, tenho que ir agora. Falei desesperada.

- Calma, te levo de carro. Respondeu Henry tentando me tranquilizar.
- Não precisa, pego um ônibus aqui na frente. Minha mãe vai está lá e não vai gostar nada se me ver com você agora.
- Então, tá. Te deixo em um ponto mais próximo de sua igreja, pode ser?
- Tudo bem, eu aceito.

Ele me deu um beijo rápido e fomos até o carro, parece que eu estava anestesiada, não conseguia para de pensar nele, mesmo ainda estando com ele.

Ele acabou me deixando a duas quadras da minha igreja e fui andando o resto do caminho. Henry me beijou intensamente e antes de sai do carro falou:

- Nos vemos amanhã, certo? Ou melhor, quer sair hoje à noite comigo?
- Ah. Disse surpresa.
- Não pode? Vai ter algum compromisso da igreja?
- Acho que sim, amanhã a gente se vê tudo bem?
- Ok, então.

Aqueles momentos com Henry não saia da minha cabeça. “Oh Meu Deus, preciso me concentrar nos projetos!” Repetia para mim mesma.

Cheguei à nossa sala de reunião e todos notaram que eu estava um pouco distraída no decorrer da conversa. Não conseguia dá dica nenhuma, estava inerte, o que estava acontecendo comigo? Só vi minha mãe depois e disse que estava morrendo de fome, mas ela não deixou de perguntar:

- Onde você estava Ana?
- Como assim, onde eu estava mãe?
- Me responda apenas! Cassie me ligou perguntando sobre você.
- O que ela disse?
- Não interessa! Onde você estava? Não comeu nada, tem certeza?
- Não tive tempo de comer, vim direto para reunião...
- Reunião essa que parecia que nem estava lá. Melhor seria que nem tivesse vindo!

Meu Deus, minha mãe parecia zangada.

- Calma mãe. Eu estava com um amigo meu.
- Um amigo, não é? Ok Ana, vamos para casa!
- Não vai ter a continuação da reunião à noite?
- Depois disso? Você não ajudou em nada. A Diana me disse, é sempre você que dá as melhores ideias e hoje simplesmente ficou calada.
- Poxa! Estraguei tudo, não foi?
- Elas marcaram novamente no sábado, você precisa se inspirar minha filha, o primeiro dia de aula foi tão tenso assim?
- Um pouco mãe, um pouco.

Pegamos o ônibus e seguimos para casa. Pensativa, não disse uma palavra no decorrer do caminho. Realmente estava distraída demais, meus pensamentos pertenciam a ele.



O Pedido

Capítulo 12

O pedido

Depois daquele fim de tarde estranho e inusitado, voltei para casa com a minha mãe. Subi para tomar um banho e trocar de roupa, estava cheia de areia da praia e simplesmente não parava de pensar nele. Depois disso, descii para comer alguma coisa. Minha mãe havia preparado o jantar, meu pai já havia chegado, então jantamos os três juntos.

- Como foi o primeiro dia de aula, filha? Meu pai perguntou ao sentar-se à mesa.
- Normal pai.
- Hmmm. Murmurou ele sem se importar muito com a resposta, para o meu alívio.
- O jantar está delicioso, querida. Disse meu pai se dirigindo a minha mãe do outro lado da mesa.

Os dois continuaram conversando sobre o dia deles, fiquei inerte a conversa, nem conseguia ouvi-los direito. Terminei rapidamente meu prato, dei boa noite para os dois, que continuaram na mesa conversando, e subi para o meu quarto.

Ao pegar meu celular vi três chamadas perdidas da Cassie e duas da Lua. Elas deviam está preocupadas comigo, pensei em enviar uma mensagem, mas tinha certeza que se fizesse isso elas iriam me ligar imediatamente. Então, decidi contar que estava tudo bem pela manhã, assim que chegasse na faculdade. Decisão tomada, vi que ele tinha me ligado também, duas chamadas perdidas. Respirei fundo, nervosa com a ideia dele está pensando em mim e deitei na cama pensativa.

Depois de alguns minutos o celular tocou novamente, era ele! “E agora o que eu vou dizer?” Pensei alto. Após mais duas chamadas, atendi tensa:

- Alô?

- Oi meu amor, como está você? Estou te atrapalhando? Perguntou Henry com carinho.

- Não, está tudo bem sim e com você?

- Melhor agora, pensei em você o dia inteirinho.

- Pra falar a verdade eu também.

- Que chegue logo amanhã para gente se ver.

- Sim, que chegue logo mesmo!

Conversamos por mais alguns minutos e fui dormir desejando que a noite passasse rápido. Para minha surpresa peguei logo no sono, mas acordei de madrugada com o coração acelerado, sem nenhum motivo aparente. Como de costume me ajoelhei aos pés da cama e orei:

**Meu Deus, o Senhor bem sabe que eu nunca me senti assim antes,
sempre fui muito segura a respeito do que queria para meu futuro
relacionamento amoroso, mas ele... ele me pegou de surpresa.**

Acho que estou amando ele, o Henry.

**Pai, eu peço que o Senhor o proteja, o guarde e vá onde ele estiver agora,
faça com que ele mude os pensamentos
a respeito do Senhor. Faça ele se converter!**

**Eu sei que o Senhor pode fazer, só o Senhor pode fazer isso,
faça com que ele seja o rapaz ideal pra mim**

**e que meus pais o aceite.
Acho que eu o amo, Jesus. Esse é o meu pedido!
Amém.**

Foi a primeira vez que fui tão precisa em minha oração com relação ao Henry, voltei a dormir tranquilamente. Na manhã seguinte assim que pisei os pés no campus da faculdade vi o carro dele e meus batimentos cardíacos quase parou de vez.

Ele me viu e me olhou tão intensamente. Seu sorriso era deslumbrante, perfeito e maravilhoso. Fui imediatamente ao encontro dele, confiante de que Deus tinha ouvido minha oração na noite anterior.

- Oi meu amor. Ele disse seguido de um beijo quente e rápido.

- Bom dia Henry. Respondi sorridente.

- Está pronta para o nosso passeio de hoje?

- Sério? Preciso assistir às aulas de hoje. Você também tem que ir...

- Eu sei, mas a primeira semana de aula não tem nada de importante, você também sabe disso.

- Você sempre tentando me convencer não é?

Estávamos próximos demais e percebi olhares nas minhas costas. “Oh, não! Cassie e Lua...” Pensei antes de me virar e avistei as duas olhando nós dois com uma expressão de surpresa e descrença. Acenei timidamente.

- Tenho que ir, te vejo depois das aulas, certo?

- Tudo bem! Respondeu Henry com um toque de desgosto acompanhado de um

beijo intenso e demorado, me deixando ainda mais com vontade de aceitar seu convite e não assistir as aulas do dia. Ele viu minhas duas amigas do outro lado e acenou também para elas.

Caminhei para as minhas amigas espantadas e abri um sorriso imensamente feliz para elas. Lua foi a primeira a perguntar:

- O que foi isso amiga? Vocês estão juntos? Ela perguntou com um sorriso no rosto que me deixou surpresa.

Só então caiu a ficha: Lua já foi apaixonada pelo Henry. Como pude me esquecer disso? Estava arrasada.

- Me desculpe por não ter te contado, eu sei q...

- Não precisa se desculpar Ana. Henry já passou, não sinto mais nada por ele, é só estranho ver vocês que são tão diferentes, juntos desse jeito.

- Também acho Ana, você é cristã! E ele... bem, eu não sei o que ele é, afinal. Acrescentou Cassie.

- Calma meninas, não se preocupem. Vai dar tudo certo!



Espon-tânea

Capítulo 13

Espontânea

Depois do nosso primeiro encontro na prainha perto da faculdade passei a ver o Henry com mais frequência todos os dias, estava tudo perfeito e maravilhoso, eu assumia a todo instante o quanto estava apaixonada por ele. Minhas amigas Cassie e Lua estavam curiosas a respeito disso tudo, sem perceber, notei que estava um pouco distante delas. Foi quando no fim da última aula do dia elas me chamaram para conversar e em meio a conversa surgiu o assunto do momento.

- Me conte isso direito, vocês estão namorando mesmo? Perguntou Lua entusiasmada.

- Éee... Ele não disse a palavra namoro, mas estamos juntos, ele me chamou para conhecer os pais deles esse final de semana. É um bom sinal, não é?

- Bom sinal, Ana? Tem certeza disso? Isso é no mínimo estranho, não acha não? Argumentou Cassie.

- Estranho, por quê? Estamos juntos e feliz isso é o que importa! Respondi um pouco exaltada.

- Cassie pode ter razão amiga, pense bem. Não vá cair numa furada! Onde é a casa dele?

- Até você Lua? Não importa onde é a casa dele, não dá pra entender que estamos felizes juntos, não vê isso? Perguntei a Lua.

- É verdade que você tem mudado bastante depois do Henry. Ela respondeu.

- Mudado, como? Pra melhor, não é? Olhei para as duas.
- Você tem estado mais solta que o normal pra ser sincera! Afirmou Cassie.
- Mais solta? Vou aceitar isso como um ponto positivo, Cass. Não quero discutir com você!
- Porque esta nervosa desse jeito Ana? Realmente não ti via assim há muito tempo, acho que nunca vi você nervosa por tão pouco, estamos apenas conversando. Falou Lua calmamente.
- Conversando? Conversando? Tem certeza Lua?
- É que... é muito estranho ver você e o Henry juntos desse jeito! Você é cristã, e ele... Bom eu não sei o que ele é de verdade.
- Vocês não combinam Ana, isso é fato! Disse Cassie com convicção.

Foi quando explodi de descrença, minhas amigas contra mim por causa do meu amor pelo Henry?!

- Pode parar as duas, o que é isso? Um complô? EU AMO O HENRY e nada vai impedir de ficarmos juntos!

Com isso sai correndo pegando minha bolsa sem olhar para trás. Ao descer as escadas e olhando para o chão acabei me batendo com Edu nos corredores.

- Edu! Disse surpresa.
- Oi Ana, como você está? Disse Edu feliz em me ver, mas o sorriso em seu rosto desapareceu quando ele notou minha expressão.

- Oi Edu, estou bem... Quer dizer... As meninas não me entendem, porque isso?
- As meninas não te entendem, por quê? O que aconteceu Ana?
- Ah, Edu! Ore pela gente, estou tão feliz com o Henry, não quero que nada estrague isso!
- Sobre o Henry? Entendi, agora...
- Parece que elas discordam do meu novo... Quer dizer, do meu relacionamento com ele. Você é amigo dele não é? Sabe quem ele é, já o chamou para ir à igreja com você?
- Já chamei Ana, mas você sabe como ele é. Henry é um cara...

Completei:

- Totalmente diferente de mim, eu já sei disso, foi o mesmo que elas me disseram, eu não vou aceitar vocês continuarem me falando isso!
- Calma, Ana, ninguém aqui esta te julgando.
- Eu não estou NERVOSA, dá pra entender isso?! Gritei para ele.

Eu nunca tinha gritado com Edu antes, o que estava acontecendo comigo?

- Tudo bem Ana, vou orar por vocês.

E então Edu se despediu e seguiu seu caminho enquanto eu ia ao encontro do Henry de cara emburrada.

- Ei princesa, o que houve? Ele percebeu logo quando me viu aborrecida daquele jeito.

- Não é nada, quer dizer... Foram as meninas, acabei discutindo com elas, mas não é nada, besteira.

- Mas, por quê? Vocês nunca brigam! O que houve?

- Nada de importante, amor. Vai passar logo certo?

Com isso contornei o carro e sentei no banco do carona. Ele me seguiu e assumiu o banco do motorista com preocupação.

- Esta tudo bem, confie em mim. Falei e o beijei intensamente, o que o fez calar e não falar mais sobre o assunto.

Era incrível como o fato de está com ele me acalmava tanto. Fomos para o nosso lugar secreto, nossa prainha deserta, como costumávamos chamar, e então combinamos que ele iria me buscar amanhã às 10hs em um quarteirão antes da minha rua, preferia evitar que minha mãe o visse, pelo menos por enquanto.

No dia seguinte, tudo que eu queria era encontrá-lo, mas antes teria que pensar em algo a dizer para minha mãe. Encontrei-a ainda de pijama no andar de baixo me encarando ao ver-me descendo as escadas toda arrumada.

- Aonde você vai essa hora mocinha? Perguntou ela.

- Vou sair mãe, não tá vendo?

- Olha como você fala comigo Ana, vai sair com quem?

- Como com quem? Hesitei por um momento e decidi falar uma parte da verdade:

- Vou sair com meu... Com um amigo meu, mãe. Vou conhecer os pais dele hoje, somos bons amigos, só isso!
- Bons amigos? Vai conhecer os pais deles essa hora, em pleno sábado?
- Sim! Não implica mãe. Não estou fazendo nada de errado! Afirmar sem hesitar.
- Sei... Tome cuidado, filha. Não deixe suas emoções e o seu coração te enganar. Disse ela com ternura, olhando nos meus olhos.
- Já sei disso, tá? Tenho que ir, estou atrasada!

Sai batendo a porta atrás de mim.



Alerta vermelho

Capítulo 14

Alerta vermelho

Encontrei Henry no lugar marcado e seguimos para casa dele em silêncio. Estava com um frio na barriga. Será que os pais deles estão lá? Ele tem irmão? Será que vão gostar de mim?

Estava cheia de dúvidas em mente, mas fiquei receosa em perguntar. Tudo que queria era agradar Henry, meu desejo era fazê-lo feliz, queria que ele sempre se sentisse a vontade em dizer o que quisesse pra mim. Nunca iria decepcioná-lo, nunca!

Paramos em frente a uma casa azul, bem grande. O Henry era rico! Não pode ser... Esse é o motivo desse carrão de repente.

Ele abriu a porta do carro e pegou minha mão. Seguimos até a frente da casa, ele abriu a porta e me beijou lentamente, ouvi a porta se fechar atrás de mim. Meu coração acelerava e eu sabia que ele estava percebendo meu nervoso. Em meio aos beijos, perguntei:

- Onde estão seus pais?

- Não se preocupe, eles saíram.

ALERTA VERMELHO! Estávamos sozinhos, sem ninguém naquela casa enorme. Simplesmente deixe-me levar por seus beijos sedutores, ele me guiou para algum lugar, subimos as escadas aos beijos e amassos quentes demais.

Eu ofegava com seu toque. De repente me arrependi de ter ido de vestido, mas

agora já era tarde, quando me dei por mim estava no seu quarto.

- Onde estamos Henry?

- Eu te amo Analize. Eu te quero mais que tudo... Ele sussurrou no meu ouvido.

Encantada e entorpecida acabei tropeçando no tapete e cai na sua cama. Olhei assustada e percebi que era uma cama de casal. Ele tirou a camisa e se deitou ao meu lado acariciando meu cabelo. O meu vestido havia subido de repente, estava acima do meu joelho. Já não tinha mais sandálias nos pés, ele viu o espanto nos meus olhos e eu via o brilho da confiança nos seus. Ele continuou seus avanços e eu não conseguia pensar, não conseguia falar, não conseguia dizer não. Suas mãos estavam no meu ombro abaixando a alça do vestido, minha mão escorregava em suas costas...

Foi quando parei e consegui dizer baixo:

- Chegaaa... Eu suava muito e ele estava completamente molhado.

-Nãoo... Ele respondeu. Não amoor... vem!

Levantei rapidamente e me recompus, mas sentei novamente na cama. Ele me olhava... Não sei decifrar como ele me olhava.

- Desculpe Henry, não posso fazer isso!

- Mas... Eu te amo. Ele sussurrou beijando meu pescoço.

- Eu não posso, desculpe.

- Não se preocupe meu amor, não precisa ter medo, não vou ficar zangado. Olha como você esta... Precisa de um banho.

- Um banho? Notei meu estado, estava molhada de suor, precisava mesmo.

- Vem, vamos tomar banho. Posso ir com você?

Em choque, quase gritei:

- NÃO!



Culpada

Capítulo 15

Culpada

Depois daquela manhã turbulenta na casa de Henry passei a pensar nele com mais intensidade e surpreendentemente desejá-lo com mais paixão do que antes.

Senti culpa no momento que ele me tocava na cama e me senti um pouco traída quando descobri que seus pais na verdade não estavam em casa. Como ele pode me enganar assim? Ou melhor... Pensando bem ele não disse que seus pais estariam em casa, disse? Nem ao menos mencionou os pais dele na nossa conversa, não podia culpá-lo por causa disso.

Logo depois de tomar um banho rápido na sua suíte particular me arrepiava ao lembrar do seu toque em minha pele. Quando ele me perguntou se eu havia gostado não pude evitar balançar a cabeça positivamente. Toda aquela “culpa” havia sumido de repente quando vi seu sorriso triunfante.

Cheguei em casa no final da tarde e minha mãe falou durante horas sobre minha irresponsabilidade. No domingo saímos para ir ao cinema, tudo estava perfeito. Assisti ao meu gênero de filme favorito, que coincidentemente, era o mesmo que o dele – terror. Na verdade não assistimos a filme algum, sentamos na última fileira do cinema e trocamos muitos beijos e carícias.

Ao chegar em casa minha mãe parecia arrasada, assim que passei pela porta avistei ela na sala e perguntei:

- Mãe? O que houve?

- O que houve? Eu que te pergunto. O que esta acontecendo com você minha filha? Disse minha mãe preocupada.

- Por quê? O que eu fiz?

- O certo é: o que você tem feito? Hoje você não foi para igreja. Na verdade já tem uns meses que você tem ido poucas vezes, eu não entendo, você sempre foi tão dedicada, porque isso agora?

- Não é nada, mãe. Que bobagem é essa? Estava cansada pela manhã...

Ela me interrompeu:

- Cansada? Estava tão cansada que saiu desde as dezoito horas. Já viu que horas são agora?

- Ah, para com isso! Gritei e subi as escadas.

- Volte aqui Analize Gomes Albuquerque, estou falando com VOCÊ!

Tranquei a porta do quarto enquanto ela subia atrás de mim.

Segunda-feira ao chegar à faculdade, Lua veio imediatamente falar comigo.

- Oi Ana, como foi o fim de semana? Perguntou ela.

- Foi ótimo Lua, melhor impossível. Respondi com indiferença e presunção.

- Ana, não fica assim comigo, quero te pedir desculpa pela semana passada, quero que desculpe a Cassie também, nós te amamos e nos preocupamos com você, só isso!

- Tudo bem Lua, eu entendo perfeitamente. Onde esta a Cassie?
- Acho que ela não vem hoje... Interrompi preocupada.
- Por quê? Ela está bem?
- Ontem ela estava se sentindo um pouco enjoada, me ligou dizendo que ia para emergência.
- Poxa, será que foi alguma coisa séria?
- Não sei, mais tarde ligo pra ela!
- Unhmm também ligarei.

Claro que alguns dias depois nos reunimos outra vez e a mesma conversa sobre meu relacionamento com Henry veio à tona. Queriam saber o que havia acontecido naquele sábado na casa dele. Eu não poderia contar a verdade, não poderia confessar que fui fraca, então me rendi ao erro mais uma vez e menti. Menti para as minhas melhores amigas, que mesmo não sendo cristãs me diziam o que era certo a fazer. Dessa vez, entretanto, eu não queria ouvir e estava indo pelo caminho contrário.

- Meses depois -

Outra vez lá estava eu na casa do meu amado, aos beijos no seu quarto, quando sua mãe chegou. Ele já tinha me apresentado aos seus pais e os meus também já estavam sabendo quem era Henry, apesar de não ter gostado nada da ideia.

Ela entrou e perguntou se eu queria comer alguma coisa, ao responder que não ela saiu, como se não tivesse visto nada de errado. Se fosse a minha mãe me mataria! Ajeitei-me em seu colo e seus braços musculosos me envolveram com paixão.

Encostada no seu peito, Henry começou a brincar com meus dedos em suas mãos.

Viajei em pensamentos quando me toquei, pela primeira vez durante meses, que nós não conversávamos há um bom tempo. Sempre que nos víamos era aquela pegação sem limites e só parávamos para recuperar o fôlego e começar de novo. Eu não me reconhecia quando estava com ele, como podia está acontecendo isso comigo?

Ele interrompeu meus pensamentos com uma pergunta:

- Bom, fico pensando... Você é cristã não é? Mas eu não consigo ter essa fé que você tem. Como pode Adão e Eva ser os primeiros homens na terra? Com quem Caim se casou? Com sua irmã?

- Não sei, tem coisas da Bíblia que não são reveladas. Ele continuou:

- E Deus, Jesus, Espírito Santo, são três? São um? Como se explica isso?

- Ei, tá de brincadeira né?

- Já tentei entender. Se Jesus é também o Espírito Santo, porque falou eu vou para o Pai e depois enviou Ele mesmo para a terra novamente?

- Quer saber? Um dia vamos entender isso ok?

Ele simplesmente não disse mais nada. No entanto eu fiquei pensando nos questionamentos dele durante dias.



Remorso

Capítulo 16

Remorso

Estava há muitas semanas sem ir à igreja no domingo, quando naquela manhã minha mãe avisou que seria a Santa Ceia. Então, decidi ir logo depois que ela havia saído com o meu pai. Fui para o quarto, peguei meu vestido favorito, vermelho com estampa de póas branco, saltei o cabelo e segui o caminho até a igreja que ficava algumas quadras da minha casa.

Ao chegar me sentei nas últimas fileiras, mas todos ainda estavam de pé. Após alguns minutos o pastor pediu que a igreja se sentasse e abriu a Bíblia para iniciar a pregação. Não prestei muita atenção no versículo e como tinha saído às pressas acabei nem levando minha Bíblia. No entanto, notei tudo que ele dizia e parecia que estava falando especialmente comigo, sobre tudo o que estava acontecendo na minha vida. Isso é possível? Logo pensei: “Minha mãe deve ter conversado com ele...” E então meus pensamentos foram interrompidos quando ele disse algo sobre o que eu estava fazendo, mas isso... Isso ninguém sabia, não poderia saber, eu não havia contado para ninguém. Como ele sabe disso? Me deu uma vontade imensa de chorar, uma dor no meu peito, uma culpa devastadora. Percebi o quanto estava longe de Deus, como deixei isso acontecer comigo? O que realmente estava me levando para tão longe d’Ele? Eu precisava descobrir!

Finalmente, ao ouvir as palavras do pastor me veio alguém na mente - o Henry. Ele estava me afastando de Deus? Mas como? Por quê? Não podia aceitar aquilo! Meu coração estava dilacerado, as lágrimas irromperam dos meus olhos e desabei em um choro sufocado para que ninguém me visse daquele jeito.

Curvei a cabeça por alguns instantes e de repente senti uma mão suave e carinhosa

no meu ombro. Deus? Só podia ser Ele! Eu sentia uma dor gigantesca, uma sensação de solidão tão terrível como um fogo que me consumia, teimava em levantar a cabeça, imaginando que aquele toque não era real, quando ouvi a voz dizer:

- Ana? Eu estou aqui, vai ficar tudo bem.

A voz doce e suave era do Edu. Olhei para ele com meus olhos vermelhos, se aproximando, sentou ao meu lado e me abraçou. Edu não dizia nada, apenas me abraçava com ternura, enquanto eu chorava incessantemente, o remorso me invadia. Lá na frente o pastor avisou para nos prepararmos para a Santa Ceia, quis ir embora mas Edu falou:

- Essa é a sua oportunidade de recomeçar, Ana, de se arrepender e fazer do jeito certo agora.

Assenti enquanto a ceia era servida. Ao chegar próximo a mim com temor peguei o pão e o cálice. A oração que fiz a seguir foi sincera, confessei os meus tão recentes erros e pedi perdão. Assim que abri os olhos, Edu não estava mais ao meu lado, no entanto sai de da igreja aliviada.

No dia seguinte...

Henry apareceu sorridente na porta da minha sala na faculdade, tentei retribuir o sorriso mas pareceu forçado. As lembranças da manhã anterior martelavam na minha mente, tudo que Deus falou comigo através do pastor ainda estava nítido, eu deveria por um fim naquilo. Henry não é a pessoa certa pra mim, definitivamente não é. Estou decidida, eu acho. Vou conversar com ele no final da aula.

- Oi meu amor. Disse ele com a voz mais sedutora possível, quando veio na minha direção.

- Oi... Henry! O intuito foi ser fria, mas soou mais como um apelo.

- Está tudo bem?

Como ele podia me conhecer tão bem? Pensei antes de responder.

- Estou bem, sim. A gente pode conversar depois da aula? Essa disciplina é muito importante, não posso sair agora.

- Tranquilo. Nos falamos depois. Seu rosto pareceu confuso e ele insistia em não transparecer isso.

Apesar de ter dito a verdade e aquela aula ser realmente importante pra mim, não estava prestando atenção em muita coisa, rabiscava no canto da folha e meus pensamentos estavam presos nele.



Tentando outra vez

Capítulo 17

Tentando outra vez

Enfim, quando acabou a aula tentei ao máximo não me deparar com Henry, não estava pronta para aquela conversa decisiva. Para isso resolvi sair pela porta dos pedestres evitando passar pela saída dos carros. Caminhei lentamente até nossa prainha próxima a faculdade, os pensamentos dos momentos que vive com Henry naquele lugar inundaram a minha mente. Quando estava com ele me sentia tão viva, tão poderosa, tão mulher, não podia terminar com Henry assim, sem mais nem menos. Uma lágrima teimosa rolou no meu rosto, deixei-a correr e em seguida vieram muitas outras.

Estava prestes a cometer o maior erro da minha vida, eu sabia que isso estava cada vez mais perto de acontecer. Quanto mais me envolvia com Henry mais desagradava a Deus. Corria sérios riscos de entregar minha pureza toda vez que ficava trancada no quarto com ele, toda vez que ficávamos sozinhos em algum lugar. Precisa por um fim nisso!

- Ah, eu não vou conseguir! Disse em voz alta pra mim mesmo choramingando.

- Não vai conseguir o que? Perguntou uma voz preocupada atrás de mim. Eu sabia quem era.

Atordoada me virei e encarei seus olhos profundos cor de mel.

- Henry?! Não é nada! Afirmei confusa, enxugando as lágrimas.

- Pode me contar, você sabe que pode contar comigo para tudo.

- Eu sei, mas... Ele interrompeu:
- Mas... nada! Parou e segurou meu rosto com as duas mãos.
- Eu estou aqui, o que esta acontecendo?
- Desculpa Henry, você nunca entenderia.
- Como você pode ter tanta certeza disso?
- Eu só sei, desculpe. Disse me virando novamente para encarar o mar turbulento.

Momentos de silêncio se seguiram e eu não conseguia mais pensar em nada sentindo sua presença forte e quente atrás de mim. Contornando-me ele apareceu na minha frente, os olhos intensos me encarando. Com um susto ele me agarrou e me beijou apaixonadamente, não pude impedi-lo, no fundo eu também desejava isso.

Após o beijo demorado tudo voltou a ser como era, o gelo e o clima tenso se quebrou. Sentamos na areia perdidos em pensamentos, carícias e beijos sem fim. No final da tarde me levou em casa, ou melhor, perto de casa, meus pais nunca aprovarão nosso envolvimento, eu sei disso. Me despedi com um beijo longo e apaixonado, ainda dentro do carro, como se nunca mais fosse beijá-lo outra vez.

Abri a porta de casa e meus pais estavam na sala assistindo TV, já arrumados para ir para igreja naquela noite. Casualmente minha mãe me perguntou:

- Ana querida, vai conosco hoje?
- O quê mãe? Já estava nas escadas com a cabeça na lua, quando respondi.
- Pra igreja Ana, você vai com a gente?

- Ah... Pensei por alguns segundos e disse:

- Acho que sim, mãe, só um minuto.

Subi as escadas apressada, troquei de roupa e acompanhei meus pais a igreja, essa era coisa certa a fazer, afinal o que eu estava pensando da minha vida? O culto começou, mas como sempre preferi sentar no último banco. Me lembrei de quando eu dava aulas de inglês para os pequenos, bateu uma saudades desesperadora. Repentinamente era como se eu não estivesse mais ali e recordei a noite passada. Foi tão maravilhoso sentir Deus me acolher de braços abertos e me perdoar mais uma vez. O pior era que tinha feito tudo errado de novo, havia passado o dia inteiro desagradando a Deus. Estava realmente desagradando a Deus de verdade? Amar alguém não é errado. Só porque ele não era cristão? Mas é uma pessoa incrível, me trata como ninguém nunca me tratou antes, ele me ama também, nós nos amamos muito! Como Deus podia me condenar por amá-lo assim? Meus devaneios foram interrompidos quando o pastor falou:

- Você, jovem, que já não vive um namoro puro mesmo que ninguém esteja vendo, saiba que Deus está! É só você e seu namorado estarem sozinhos que as coisas saem do controle e você já avançou demais. Vocês dois vivem um namoro avançado, se não já fizeram o que não deveria fazer...

Na hora disse a mim mesma em voz baixa:

- Não, não fizemos! Nem iremos fazer, não posso fazer isso!

- É verdade, você afirma que sua carne é fraca. Diz que não vai mais permitir esse avanço, mas quando estão juntos esquece tudo e se entrega de vez. A carne pode ser fraca mais o espírito, o espírito é forte. No entanto, o espírito só poderá resistir se você fortalecer ele! Continuou o pastor como se pudesse me ouvir.

No meu íntimo sabia que não podia responder mais nada, eu estava errada, tinha certeza disso. Na hora da oração me desmanchei em lágrimas, cheguei a soluçar, estava arrependida.

Deus não iria me perdoar pelo que estava fazendo a mim mesma.



A outra

Capítulo 18

A outra

Levantei no dia seguinte com a certeza que seria tudo ou nada, eu tinha que tomar uma decisão definitiva.

Antes de sair para faculdade me ajoelhei aos pés da cama e orei:

- Meu Deus, eu sei que não mereço seu amor tão pouco seu perdão, mas também sei que não posso continuar desse jeito. Eu errei, errei feio me envolvendo com alguém tão diferente do Senhor, totalmente contrário aos princípios que sempre aprendi e obedeci desde pequena. Reconheço que só pode ser por causa dele que tenho estado assim tão longe. Mas o amor, o Senhor criou o amor, o Senhor é o próprio amor e eu o amo. Como pode isso ser tão errado e está me fazendo tanto mal?

Lágrimas começaram a correr nos meus olhos, um aperto no peito me impediu de continuar falando e depois disso eu só chorei, chorei até soluçar. Lembrei-me daquele versículo da Bíblia, Deus entendia até os meus gemidos inexprimíveis. Ele sabia muito bem o que estava sentindo, após alguns minutos sufocantes de choro e dor eu disse abrindo os olhos:

- Me ajude, por favor. Me ajude a tomar a decisão certa!

Foi a única frase que consegui pronunciar. Levantei e me deparei com uma Analize triste, com olhos fundos, vermelhos e inchados, estava inteiramente abatida. Lavei o rosto esfregando a região dos olhos e da boca ferozmente e desesperadamente. Enxuguei por alguns instantes, ao olhar o relógio vi que já estava uma hora atrasada e me apressei.

Quando cheguei à sala da faculdade, avistei Lua e Cassie conversando com olhares preocupados. Aproximei-me cautelosamente:

- Ana, está tudo bem? Perguntou Lua com preocupação.
- Você nunca se atrasa ou falta à aula sem antes avisar pelo menos... E hoje é dia de prova, esqueceu? Continuou Cassie.
- É verdade, está tudo bem meninas, eu vou ficar bem.
- Você está destruída, Ana. Lua quase sussurrou, constatando o que já sabia.
- Perdeu a prova Ana, foi no primeiro horário. Anunciou Cassie.
- Eu sei Cassie e não posso fazer mais nada com relação a isso.
- É aquele cara não é? É o Henry que tá te deixando desse jeito!
- O quê? Aquele cara? Não são vocês que são superamigas desse cara? Falei olhando para as duas.
- É eu sei, mas ele não está te fazendo nenhum bem, Ana. Não percebe?
- Como assim? O problema não é ele, sou eu!

Respondi mais alto do que devia e dei meia volta. Sai da sala em direção a lanchonete. Estava completamente arrasada por dentro e todos estavam notando isso, será que só eu não via? Pedi um café extraforte, eu nunca bebia café, mas precisava disso. Uns minutos depois Henry aparece sorridente, o que não demorou muito quando me viu daquele jeito.

- Hey, o que faz aqui? O que aconteceu com você?
- Comigo? Nada!
- Você está péssima! Anunciou ele com olhos cheios de afeto.
- Não estou não, impressão sua!
- Você nunca bebe café! Porque está aqui? Não devia estar na aula?

Incrível como ele me conhece tão bem.

- Desde quando você se preocupa com isso? Foi inevitável não rir ao dizer isso, mas ele entendeu errado.
- Claro que eu me preocupo com você. É semana de prova, devia estar na sala.
- Eu sei, não quis dizer isso. Me atrasei e perdi a prova!

De repente ele muda completamente de assunto e se aproxima sem nenhuma hesitação. Afasta a cadeira ao meu lado e senta tocando o meu queixo suavemente, forçando que eu olhe para ele.

- Amor... O que tem te deixado desse jeito?

Essa é a hora! Mesmo com tanta gente ao redor eu precisava falar o que estava acontecendo, não podia continuar assim, tinha que conversar com alguém, conversar com ele. Faz tempo que não falo para ninguém sobre o que de fato acontece dentro de mim, o que de fato acontece quando Henry e eu estamos sozinhos. É uma espécie estranha de paixão e desejo incontrolláveis, eu o desejo com todo o meu ser, mas isso tem que acabar.

Abro a boca com a intenção de desabafar, entretanto não consigo. E então, Henry

me beija com doçura, sem desejo, sem furor, apenas de maneira suave e romântica, tentei evitar, mas acabei correspondendo. Lágrimas correram dos meus olhos, uma ponta de dor e culpa pulsaram no meu coração.

Passaram alguns segundos do beijo mais lindo que ele me deu e fomos interrompidos por uma voz melosa. Olhei assustada, pois não conhecia aquela voz. Que pessoa estranha iria interromper o beijo de dois apaixonados?

- Henry, como vai você? Uma loira estonteante apareceu na nossa frente cumprimentando Henry com certa intimidade que me incomodou um pouco.

- Jennifer? O que faz aqui? Henry diz incrédulo como se visse um fantasma.

Parecia que os dois se conheciam, há muito tempo por sinal. Fiquei sem chão e decidir ir embora.

- Vou indo Henry. Anunciei.

- Espera, amor! Disse olhando para a loira.

- Preciso conversar com você agora mesmo. Falou a tal da Jennifer como se eu nem estivesse ali, no entanto sua voz estava tranquila e educada.

- Não temos nada para conversar! Não vê que estou ocupado? Pelo que conhecia do meu namorado misterioso, ele estava começando a ficar furioso.

- Aonde você vai? Eu levo você. Continuou dizendo, dessa vez olhando nos meus olhos.

- Não precisa, vou sozinha.



Amigo a qualquer hora

Capítulo 19

Amigo a qualquer hora

Henry estava muito preocupado sobre eu ter entendido errado ao ver aquela loira na lanchonete da faculdade. Na verdade nunca fui ciumenta, nunca mesmo, tenho equilíbrio o bastante ao ponto de não me entregar à tamanha insegurança e me tornar uma namorada obsessiva e ciumenta.

Sai da lanchonete como um foguete e peguei o primeiro ônibus que estava parado no ponto logo na frente da faculdade. O vi correndo atrás de mim, mas foi incapaz de me alcançar a tempo. Ele me ligou várias vezes e mandou mensagens também, no entanto não queria falar com ninguém e fiquei o restante do dia trancada no quarto. Quando deu meia noite finalmente atendi as suas insistentes ligações:

- Alô?

- Te ligo desde cedo Ana, o que aconteceu?

- Já disse que não aconteceu nada!

- O que você está pensando? A Jennifer não é ninguém, ninguém importante, quer dizer... Não mais!

- Hunrumm. Apenas murmurei.

Se tinha algo que o Henry nunca fez, nem nunca faria, era mentir pra mim e essa era uma das coisas que me fazia admirá-lo ainda mais. Ele iria falar a verdade e eu nem precisava me preocupar com isso. Nas próximas horas me contou sua história com

a Jennifer. Ela era sua ex-namorada que tinha viajado para o exterior por causa dos pais, ele me disse todos os detalhes e me pediu perdão por não ter contado antes.

Ela prometeu que voltaria e ele prometeu que iria esperá-la e assim que isso acontecesse os dois voltariam a ficar juntos, mas não tinha como saber quando isso iria acontecer. Essa foi a história que Henry me contou e eu acreditei, lógico. Não havia motivo para mentira, mas agora eu existia e uma decisão precisava ser tomada. Resolvi não dizer mais nada e avisei que conversaríamos amanhã.

Era só o que me faltava: Uma ex-namorada, uma promessa e uma decisão definitiva que só eu podia tomar.

Necessitava urgentemente desabafar com alguém, estava sufocada com tanta coisa na cabeça. Disquei o número de Edu. Ah Edu, meu amigo, meu melhor amigo, que saudade das nossas tardes juntos, das nossas conversas despreocupadas, da nossa amizade tão pura e tão linda. Desliguei antes dele atender, já era tarde e o que eu ia dizer? Oi, Edu estou ficando louca, me entreguei mais do que devia a pessoa errada e estou me sentindo um lixo. Não, eu não podia dizer isso, não podia contar pra ninguém, tinha vergonha dessa situação.

Como prometi, aceitei conversar com Henry na nossa prainha de sempre. Ele repetiu a história outra vez, mesmo dizendo que já entendi tudo afirmou que precisava contar olhando nos meus olhos.

- Você está indecifrável, Ana. Não vai dizer nada pra mim? Ele perguntou.

- O que quer que eu diga?

- Qualquer coisa! Me odeie, me xingue, me bata, só não fique calada, por favor. Henry quase suplicou.

- Confio em você, não vou fazer nada disso, acredito no que disse. Respondi com

toda paciência do mundo.

Nós nunca havíamos brigado antes e não era agora que isso iria acontecer, não existia motivo para isso. Começamos a nos beijar fervorosamente depois de conversarmos o bastante por longas horas e mais uma vez notei que tinha tempo que não fazíamos isso.

Os amassos caminharam para o mesmo caminho errado de sempre, estávamos rolando na areia como se o mundo tivesse parado só para nós. Meu jeans estava aberto e abaixado até a minha coxa, a blusa rosa de manga curta que usava já estava próximo ao mar e Henry tinha tirado a camisa também. Era sempre assim que terminava nossos encontros às escondidas. Confesso que adorava aquilo, mesmo sabendo que era errado, mesmo negando com as palavras, ele já me conhecia muito bem e toda vez que pedia para que parasse era como se suplicasse para continuar.

- Por favor, Henry. Não posso fazer isso. Murmurei em meio a seus beijos quentes.
- Eu sei que você quer. Eu te amo!
- Para! Eu não quero... não quero! Supliquei agarrando suas costas com mais força.
- Não é isso que seu corpo está dizendo.

O tempo passava voando quando estávamos assim e depois daquilo tudo chegava em casa em desespero. Chorava horas no meu quarto com o lençol abafando os soluços, não conseguia mais orar. Fazer a mesma oração de sempre, usar as mesmas palavras, dizer que estava arrependida e fazer tudo igual de novo?

Eram oito horas da noite quando minha mãe bateu na porta do quarto e falou que Edu estava lá em baixo querendo conversar comigo. Tentei esconder a voz embargada e pedi para ela o mandar subir. Minha mãe gostava tanto do Edu, todo mundo gostava.

- Boa noite Aninha. Chamou Edu, abrindo a porta devagar.

- Oi, Edu. Que saudade de você. Estava mesmo com muita saudade, eu amava aquele garoto.

Ele só me chamava assim quando erámos crianças, como pode ainda se lembrar disso?

- Aninha, porque você some assim? Você não é disso! Aquele dia na igreja foi o último dia que ouvi sua voz até agora.

- Ah Edu... Pensei em ti ligar, mas mudei de ideia.

- Por quê? Você pode me ligar quando quiser, sabe disso.

- Eu sei, mas admito que não estou sendo uma boa companhia esses dias, não vê? Não tô legal, nem um pouco!

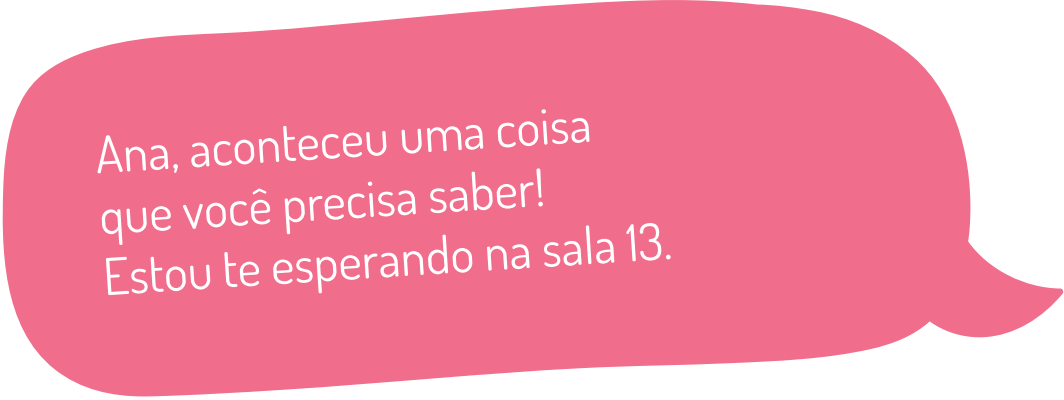
- Estou vendo, mas ninguém pode te tirar dessa, só você mesma.

- Sempre dizendo as palavras certas, não é?

Jogamos conversa fora até às dez da noite quando minha mãe trouxe o jantar pra nós. Ele não insistiu para que eu contasse o que estava acontecendo, apenas me fez companhia, me tirou alguns risos e fez com que me sentisse melhor apenas por está conversando com alguém que gostava tanto de mim.

Depois de comermos pedi para que ficasse mais um pouco, mas sabia que não poderia, amanhã tinha aula logo cedo e ele não devia dormir ali comigo.

Ao chegar à faculdade meu celular vibrou na bolsa, era uma mensagem:



Ana, aconteceu uma coisa
que você precisa saber!
Estou te esperando na sala 13.

A mensagem era da Lua, não podia evitar pensar besteira. O que podia ser agora?

- Ana, vem cá, rápido! Disse Lua assim que entrei na sala vazia.

- Olha só...

Ela estava na janela e apontava para duas pessoas no andar de baixo, era Henry e Jennifer. Os dois estavam conversando perto demais, ainda que civilizadamente.

- O que é isso? Perguntei.

- Faz horas que eles estão lá embaixo conversando sobre alguma coisa tensa, depois engraçada e agora... Ela fez uma pausa.

- Agora estão se tocando muito e ele parece triste, mas ela está feliz. Completei o que era óbvio.

- Sim, isso mesmo.

Pedi para ela ir para sala de aula comigo e não falei mais nada até o fim da manhã. Como sempre, Henry estava me esperando no seu carro preto e charmoso. Agarramo-nos no carro, depois na praia e assim que ele me contou que havia conversado com a Jennifer anunciou ter decidido que seriam apenas amigos.



A decisão

Capítulo 20

A decisão

Droga! Droga! Droga! De novo não!

- Você tem que parar com isso, Analize Gomes Albuquerque. Tem que parar com isso agora, já!

Dizia para mim mesmo no espelho do banheiro. O que eu estava fazendo da minha vida? Eu não tinha mais vida! Estava caindo no poço mais fundo, no abismo mais escuro e não teria mais volta se eu não colocasse um fim nisso. Eram duas da tarde quando decidi voltar mais cedo do encontro diário com Henry na nossa praia deserta.

Ele já sabia até onde eu cedia, durante os nossos amassos, mas mesmo assim insistia um pouco mais até eu liberar mais um pouco e já estava cedendo demais.

Passaram-se dois meses desde que constatei o que estava acontecendo comigo e com meu namorado Henry, não podia continuar daquele jeito. Eu havia voltado a ir à igreja com mais frequência, no entanto, toda vez que fazia uma oração acabava me derramando em lágrimas. Pedia perdão a Deus e chorava de novo até me sentir exausta, mas no outro dia ao ver Henry era automático. Não conseguia resistir, o beijava, ficava com ele e deixava ele me tocar muito mais do que apenas namorados deviam fazer.

Na minha concepção era errado, muito errado, isso não agradava a Deus, mas para Henry era normal, natural e quase obrigatório dentro de um namoro. Se contasse para Cassie e Lua, elas não iriam achar nada demais, mesmo assim eu não contava

e só eu sabia o que estava acontecendo, entendendo que se aquilo continuasse e avançasse mais eu ia me arrepender muito mais do que já estava arrependida.

Levantei naquela manhã na certeza de que a noite ia para igreja e decidiria a minha vida. Não podia continuar daquela forma: seria tudo ou nada!

Ao chegar à faculdade fui direto para sala de aula e só sair de lá quando tive a certeza que Henry já havia desistido de me esperar. O celular tocou diversas vezes e mensagens não paravam de chegar, estava na biblioteca há mais de uma hora, olhando pro nada. Não conseguia de jeito nenhum me concentrar em qualquer coisa que fosse, sabia que ele não iria me procurar ali e graças a Deus deu certo.

Sai de lá duas horas depois e fui para casa. Tranquei-me no quarto até chegar a hora de ir para igreja. Cheguei uma hora mais cedo, pois queria aproveitar ao máximo aquele momento com Deus, era muito importante pra mim.

Vi Edu se aproximar de mim meia hora antes da reunião começar.

- Ana, que bom ver você aqui. Disse Edu com um sorriso enorme nos lábios.

- Oi, Edu. É bom ver você também.

- Chegou tão cedo! Aconteceu alguma coisa? Perguntou ele.

- Na verdade vai acontecer. Afirmei séria.

- Algum problema? Quer me contar?

- Problema nenhum, na verdade vou por um fim nesse problema.

- Que bom então, Ana. Creio que dará tudo certo.

- Eu sei, vai dar sim! Disse sorrindo.

- Posso sentar aqui com você? Perguntou Edu apontando para a poltrona ao meu lado.

- Claro que pode.

Estava um pouco cabisbaixa, me envolvi demais com isso tudo. No fundo, no fundo, eu sabia que não daria certo namorar alguém como Henry, totalmente diferente de mim em todos os sentidos e principalmente com relação a minha fé. Estava ferida, machucada, doente e sabia que eu mesma tinha causado tudo isso. Corri rumo à perdição, me lancei no precipício, mas parece que sobrevivi, tenho que sobreviver me erguer e segurar a mão que nunca deixou de está estendida para mim.

Encostada no ombro de Edu, minha mente vagava entre os momentos bons que tive ao lado de Henry e em tudo que sentia quando a culpa vinha à tona dentro de mim. Pensei em milhões de formas de terminar com ele, mas nenhuma iria convencê-lo, precisava de ajuda e era por isso que estava ali. Edu não perguntou nada, parecia que ele podia ler meus pensamentos e me entendia sem eu dizer nada.

Depois de terminar a reunião cheguei em casa bem mais aliviada como se um fardo tivesse sido tirado dos meus ombros. Não podia mais pensar em Henry como antes, ao invés disso meu pensamento estava nos momentos de oração que tive com Deus naquela noite e percebi quão longe estava daquilo tudo, da comunhão com Deus. Agora tudo seria diferente e ainda melhor, eu já havia tomado minha decisão e não teria mais volta.



Quase decidida

Capítulo 21

Quase decidida

É hoje!

Acordei naquela manhã de quinta-feira totalmente decidida. Dormi tranquila a noite inteira, o que não fazia há muito tempo. Ao abrir os olhos estava nervosa do alto da cabeça até os meus pés quando me dei conta do que iria fazer, minhas mãos suava demais, eu estava pálida, gelada e com a boca seca.

Não o vi quando cheguei à faculdade, para o meu alívio momentâneo. Sentei no fundo da sala, preferi não contar a ninguém o que iria fazer, nem se quer comentei nada com Cassie e Lua. No final da manhã lá estava Henry na porta da minha sala, me esperando encostado na porta. Tomei um susto, mas depois descobri o porquê daquilo.

- Hey, tá fugindo de mim? Perguntou Henry me encarando e impedindo minha passagem.

- Fu...gindo? Ee..eu? Gaguejei.

- Sim, Ana. O que foi que eu fiz?

- Você? Você fez alguma coisa? Retruquei.

- Não me responde com outra pergunta! Vem, vamos ao meu carro pra gente conversar.

- É melhor não, Henry. Desculpa.
- Você não vai me dizer o que está acontecendo?
- Vou sim. Pode me esperar na área reservada da lanchonete lá em baixo?
- Porque lá? Não podemos ir à praia?
- Não, não podemos. Só pode ser lá, isso se você quiser saber o que eu quero falar.
- É claro que eu quero. A gente não pode ir juntos?
- Não posso ir agora. Hoje às 18hs vai ter um congresso no auditório, chegarei antes disso para nós conversarmos.

Ele como sempre tentou questionar o porquê daquilo, mas precisava começar a ter pulso firme. Fiquei surpresa por ter me colocado na parede, me questionando sobre ontem, mas depois retomei minha postura e não vacilei. Chega de deixa-lo me manipular, afinal era isso que Henry sempre fazia comigo. Como podia está tão cega a respeito disso?

Ao voltar à faculdade de noite meu coração pulou ao encontrar Edu e Henry conversando no muro próximo ao auditório, porém não sabia o motivo dos dois estarem juntos. Henry parecia preocupado, mas Edu tranquilo fazia tempo que não via os dois juntos. Aproximei-me sem hesitar.

- Boa noite.
- Oi Ana. Respondeu Edu educadamente e sorrindo.
- Amor... Disse Henry me dando um beijo de repente.

Mas o que ele estava fazendo? Tentei me afastar sem fazer alarme, mas ele notou minha frieza. Podia ver em seus olhos a insatisfação. Edu ficou sério e anunciou que estava entrando para a palestra.

- Podemos ir? Falei com Henry, lembrando sobre o que tínhamos marcado.

Ao entrarmos na lanchonete fomos direto a área fechada destinado à reserva e ele foi logo perguntando:

- O que esta acontecendo com você, Ana?

- Precisamos conversar sobre isso.

- O que foi? É a Jennifer de novo?

- Hã? A Jennifer?

Nem me lembrava mais da ex-namorada dele, ou será que era ex mesmo?

- Não, não é sobre ela.

- É o que então? Me interrompeu impaciente.

Decidi ir direto ao assunto, não dava pra adiar mais.

- Não posso continuar com você. Soltei sem pensar.

- Como? Henry se alterou quando percebeu o que eu havia dito.

- É isso mesmo, não dá mais!

- Mas assim? Do nada? Tem que ter um por que.

- O único motivo que existe, você nunca irá entender.
- Pode tentar pelo menos. A gente sempre conversou sobre tudo.

No início era verdade, sempre conversávamos sobre tudo, mas agora não mais. Era só pegação e mais nada.

- O fato é que estou terminando com você e não quero que me procure mais. Se quiser ser meu amigo, seremos amigos, só amigos.
- Você acha mesmo que vamos conseguir sermos só amigos depois de tudo que aconteceu entre a gente?
- Podemos tentar. Falei com firmeza.
- Podemos mesmo? Mesmo sem você me dizer o que houve?
- Henry... Meu coração começou a doer dentro do peito.
- Me diz, por favor. Falou ele segurando as minhas mãos.
- Você não irá entender... Preciso ir! Lágrimas começaram a rolar pelo meu rosto.
- Espera...



Excluindo da vida

Capítulo 22

Excluindo da vida

Sair em desespero, já estava arrependida a partir do momento que dei as costas para ele em prantos. Corri o máximo que pude para que não me alcançasse, mas no meio do caminho esbarrei em Edu que andava distraído olhando para o celular.

- Ana! Disse Edu assim que me viu naquele estado.
- Haaã?! Edu! Respondi alarmada.
- O que houve? Quer que eu te leve para casa? Cadê o Henry?
- Por favor, me tira daqui.

Edu me guiou até o táxi e me deixou em casa sem mais perguntas, no entanto acabei afirmando que havia terminado meu namoro.

Claro que Henry não desistiu de mim tão fácil, muito pelo contrário, me ligava a todo instante e mensagens não paravam de chegar ao meu celular. Evitava até de acessar minhas redes sociais só para não me deparar com ele online, meu coração estava apertado, morrendo de saudades dele. Só não me desligava de vez da vida por causa de Edu, ele me ligava sempre só para saber como eu estava. Cassie e Lua me derão o maior apoio, apesar de serem amigas de Henry, elas reconheciam o quanto eu havia mudado para pior depois de assumir meu relacionamento com ele.

Passei a ir todos os dias à igreja e me firmar novamente com Deus. Para minha alegria, minhas amigas, que são como irmãs para mim, começaram a ir comigo. E

Edu, claro, me ajudou em cada detalhe.

Depois de algumas semanas ainda chorava toda noite antes de dormir quando vinham à tona as lembranças dos momentos bons que passei com Henry, eram alegres e tristes ao mesmo tempo. No fundo eu sabia que ele não me fazia bem, havia mudado muito depois que ele entrou na minha vida. Não era mais a mesma, parei de ir para igreja, o lugar que mais amava no mundo, andava nervosa, inquieta, minha consciência pesava toda vez que orava, não conseguia conversar direito com minha mãe, muito menos com meu pai, me afastei dos meus melhores amigos, ia mal na faculdade, tudo desandou. Estive cega por muito tempo, o remorso me dominou, impedindo-me de ter o arrependimento verdadeiro. Mas enfim fui forte o bastante para tomar a decisão certa, ninguém podia tomar essa decisão por mim, era eu que tinha que ter essa atitude! Arranquei-o da minha vida, mas não foi nada fácil.

Ele sumiu durante um mês da faculdade, mesmo assim ainda insistia nas ligações, recados e mensagens, até cartas tradicionais ele mandou. Confesso que fiquei abalada repetidas vezes, mas resisti e continuei.

No dia em que Henry resolveu aparecer em frente ao meu prédio de aulas numa sexta-feira chuvosa, meu coração dilacerou violentamente.

- Ana, posso falar com você um minuto, por favor? Pediu receoso assim que me viu descer as escadas.

- Henry? O que faz aqui?

- Precisava falar com você. Sei que não quer falar comigo, não respondeu nenhum dos meus recados e mensagens, mas eu preciso! Pediu quase implorando.

- Tudo bem, Henry. Diga... Disse tentando controlar ao máximo o que estava sentindo.

- Eu não sei o que eu fiz para você me tratar desse jeito, pra você ter terminado comigo sem motivo, mas quero que saiba que eu te amo e vou amar para semp...

Interrompi:

- Não Henry, não continue essa frase. Tudo que a gente viveu foi intenso e o que eu sentir por você foi verdadeiro, mas realmente não dá, não posso ficar com você. Podemos ser amigos se você quiser...

Exaltado e nervoso Henry replicou:

- Você acha mesmo que eu posso ser seu amigo? Acha que consigo fazer isso? Que a gente consegue fazer isso, Am?

- A gente pode tentar, basta querer.

- Tentar, Ana?

Sabia que aquela conversa não nos levaria a lugar nenhum, então ele decidiu que deveria ir embora da minha vida de vez. Trancou a faculdade e se mudou para outra cidade. Ainda insistia em me ligar às vezes e eu teimosamente atendia só para ouvi-lo dizer que não me esqueceu e que não conseguiria fazer isso nunca.

As mensagens eram constantes, toda noite. Mas chegou o dia que pus o fim naquilo, apaguei o número dele do meu celular e troquei de número, também proibi Lua e Cassie de darem meu novo número a ele. Edu nem precisei avisar, além disso, excluí-o de todas as minhas redes sociais e não voltei atrás.



A dor da mudança

Capítulo 23

A dor da mudança

Nunca pensei que ia passar por isso na minha vida, era difícil confessar que meu coração ainda sangrava por causa dele e que meus olhos ainda choravam toda vez que as lembranças vinham. Bastava eu ficar só para os pensamentos e lembranças virem me atormentar. Foi em um desses momentos de fraqueza que tive uma recaída e a “brilhante” ideia de acessar o perfil dele no Facebook. Pra quê? Por que fui fazer isso?

Henry Matias está em relacionamento sério com **Jennifer Alcântara**.

As lágrimas foram instantâneas. Onde foi parar todas as juras de amor eterno que ele me fez? Como sumiu de repente tudo que disse sobre nunca me esquecer?

- Como fui burra! Burra! Burra! Burra! Como fui acreditar em tudo que ele disse? Falei sem parar comigo mesma.

- I-D-I-O-T-A! Isso que eu sou!

Em meio aos meus devaneios, lágrimas de dor e raiva que corriam dos meus olhos, ouvi alguém bater na porta do meu quarto.

- Ana, posso entrar? Era Edu, esqueci que tinha marcado uma sessão de cinema em casa com ele.

Imediatamente fechei a janela no computador e fui em direção à porta.

- Edu! Pode entrar! Tentei ficar animada enquanto enxugava as últimas lágrimas que insistiam em cair.

- O que houve Amm? Está chorando?

- O que? Hãa? Chorando... eeu?

- Não adianta fingir, Ana. Eu te conheço bem. Afirmou Edu e eu sabia que era verdade, nunca soube esconder nada dele e claro que não podia mentir.

- Foi uma coisa que eu vi aqui na internet...

- Que coisa?

- Ah Edu, deixa pra lá. Já passou.

- Tem certeza? Não precisa esconder nada de mi, Ana. Sabe disso.

Nem precisou ele insistir, acabei contando tudo que ainda sentia pelo Henry e o que tinha visto no perfil dele.

- Será que isso nunca vai acabar? Será que nunca vou me recuperar disso? Dizia mais pra mim mesma do que para ele.

- Claro que vai, Ana. Não diga isso. Você é forte, você consegue! Só precisa se desligar de tudo que te enfraquece.

Ele tinha razão, eu precisava me desligar de tudo que me trouxesse qualquer lembrança de Henry. Joguei fora tudo que ele me deu de presente, troquei de perfume e rasguei todas as fotos que tínhamos juntos.

Estava lendo o poema que ele me escreveu quando erámos só amigos, fiquei sur-

presa quando vi que ainda guardava a linda rosa branca que ficava no centro do buquê gigante que ele me deu quando voltei das férias em Búzios. Acariciei com carinho a rosa e o bilhete, meu coração não suportou, lágrimas quentes correram pelo meu rosto e de repente o celular tocou:

- Quem deve ser uma hora dessas? Alô? Disse ao atender, o número estava restrito.

- Ana? Eu podia reconhecer aquela voz em qualquer lugar do mundo.

- Henry? É você?

- Sou eu, estava com saudade de ouvir sua voz, só liguei pra saber como você está...

Eu queria dizer que estava morrendo de saudade, que precisava vê-lo urgentemente, mas tomei a decisão de ser fria e não vacilar.

- Estou bem Henry, muito bem, aliás. Anunciei numa voz firme.

- Que bom, amor. Tem uma coisa que preciso te contar... Falou ele num tom baixo e relutante.

- Diga... Estou ouvindo.

- Eu voltei com a Jennifer... Estamos namorando.

Não acredito que ele está me contando isso, não acredito!

- Hmm, que bom pra você!

O silêncio apreensivo se estendeu por alguns segundos, até que ele disse:

- Que bom pra mim? Só isso que você tem a dizer?

- O que quer que eu diga, Henry? Você é livre, pode namorar com quem quiser.
- Eu sei, mas quero que saiba que eu nunca vou conhecer ninguém como você. Ana, você é a mulher mais incrível e maravilhosa que eu já conheci e...
- Para Henry! Para com isso! Não precisa me dizer nada disso. Você está namorando, está feliz e isso é que importa.
- Eu não estou feliz... Disse ele baixinho.
- Como não?
- Eu só estaria feliz se estivesse com você.
- É melhor parar com isso, Henry. Não estou achando graça alguma. E quer saber? Pare de me ligar, eu não vou mais atender... Não sei quem te deu meu número, mas não adianta! Tchau!

Pela primeira vez fui grossa e arrogante com Henry. Desliguei o celular na cara dele, sem pensar duas vezes. Era preciso!



Tirando proveito

Capítulo 24

Tirando proveito

Depois daquele dia estava me sentindo bem melhor, as lembranças “boas” insistiam em vim de vez em quando, mas agora eu conseguia resistir a elas. Voltei a sair para me divertir com as meninas e Edu, era bom, era bom demais.

Comecei a aproveitar de verdade o tempo que passava com Edu, ele era sempre tão prestativo e compreensivo, tão meu amigo, sempre foi. Em todos os momentos da minha vida, os bons e ruins, ele sempre esteve lá para me apoiar, para falar a verdade, para brigar comigo e para me parabenizar quando fazia a coisa certa. Estava pensando em tudo que ele já havia me dito e que me marcou, quando Lua interrompeu meus pensamentos:

- Ana! Por que você não dá uma chance pro Edu?!

- Hãa? O quê? Ela havia me pego de surpresa.

Estávamos tendo aquela típica tarde de mulherzinha, pintando a unha uma da outra, testando maquiagens e fazendo penteados loucos.

- É isso mesmo que você ouviu. Não se faça de desentendida. Está na cara que ele é super a fim de você. Afirmou Lua com veemência.

- O que é isso Lua? Somos amigos. Ele é meu melhor amigo.

- É assim que começa as melhores histórias de amor, Ana. Não sabia disso? Disse

Cassie.

- Também acho! Concordou Lua.

- Não acredito que vocês estão dizendo isso... Eu...

- Nem termine o que você ia dizer. Aquele cara já se foi há muito tempo. Nem ouse dizer que tem pouco tempo que vocês terminaram, por que não tem, só na sua cabeça. E, aliás... Eu tenho certeza que você e o Edu foram feitos um para o outro. Falou Lua toda animada.

Parecia que Lua estava lendo meus pensamentos, como ela consegue fazer isso? Fiquei sem resposta. Cassie ajudou à amiga, enfatizando que nós faríamos um belo casal, que todo mundo até na igreja já havia percebido o grande carinho e respeito além do normal que Edu tinha por mim.

Fui para casa pensando naquilo. Tinha apenas seis meses que eu estava solteira, ainda estava tudo muito recente. Será que era verdade? Será que Edu gostava de mim mais do que como sua amiga?

Ao chegar ao meu quarto o celular tocou, nem notei que o havia colocado, coincidentemente, a música favorita do Edu como toque do meu celular e era ele ligando.

- Oi Edu. Atendi feliz.

- Oi, Ana. Como foi a tarde com as meninas? Senti falta de vocês hoje.

- Foi ótimo, Edu. Nos divertimos bastante, só faltou você.

Como sempre fazíamos, ficamos horas no celular jogando conversa fora. Era incrível como Edu sempre se fazia presente na minha vida. Sem dúvidas ele me fazia muito bem, mas não quero que nada estrague essa amizade.



Começando o amor

Capítulo 25

Começando o amor

No final de semana, após dias exaustivos de provas na faculdade, Edu me chama para ver o filme do ano no cinema. Desde que foi divulgado que estavam produzindo esse filme ficamos super ansiosos para vê-lo na telona, só que nem Lua, nem Cassie puderam ir, então fomos nós dois.

O filme foi perfeito, rimos e nos emocionamos muito, a sessão estava lotada.

Era perceptível como eu e Edu nos dávamos tão bem, claro que ele não era perfeito, tão pouco eu, claro que às vezes a gente discordava das coisas. Claro que muitas vezes eu queria fazer algo e ele não e mais claro ainda que éramos diferentes, mas não importava, nós éramos amigos, melhores amigos, confidentes, cúmplices, e isso era tudo que importava.

Começava a perceber o que as meninas, o pessoal da igreja e meus próprios pais já haviam notado, o quanto Edu me admirava, me entendia e cuidava de mim sem pedir nada em troca.

- Filha, Edu vem aqui hoje? Perguntou minha mãe assim que acabei o café da manhã no domingo chuvoso de inverno.

- Não sei mãe. Falei com ele ontem, não sei o que ele vai fazer hoje.

- Ah, bem que você podia chamar ele pra almoçar aqui depois da reunião, fiz macarronada ao molho branco, do jeito que ele gosta.

O riso foi inevitável, minha mãe amava Edu e eu precisava confessar que também amava aquele branquelo. Não sei se mais do que amigo ou apenas como amigo, na verdade isso não importava muito, o importante era que eu o amava e esse amor era único, era leve e era lindo.

O melhor de tudo era saber que ele também me amava, como amiga ou mais do amiga, só o amor era o mais importante, e era isso, apenas isso que eu precisava.

Fim.



Considerações finais

Recebi e-mails de leitores que acompanharam a trama desde o seu início e o resultado foi recompensador. Obrigada a todos que me incentivaram desde os primeiros capítulos publicados no blog, aqueles que só descobriram a história depois e voltou pra ler os capítulos antigos, aqueles que amaram e odiaram a decisão dos personagens, a todos que comentaram, curtiram e deixaram sua opinião nas redes sociais.

“É tão bom ficar ligada em algo. É tão bom torcer por algo. É tão bom imaginar cenas, conversas e momentos. Foi tão bom ficar ligadinha na websérie. Ficar ansiosa para próxima postagem, ficar imaginando o que acontecerá. Ficar torcendo para que a Ana ficasse com Edu (eu pensei nisso desde o primeiro capítulo..rs). Foi tão bom saber que ela se encontrou com Deus. Foi tão bom saber que por mais que a gente se perca podemos nos encontrar e saber que Deus, mesmo que você tenha se perdido, está contigo. E talvez... Entre a Fé e a Paixão encontra-se o aprendizado da paixão e o começo do amor, com a fé ao lado.”

Relato da leitora Tamires Macedo.

“Acompanhei boa parte da websérie Entre a Fé e a Paixão e confesso que foi doloroso. Isso soa estranho? Pra mim soa familiar. Passei por uma situação muito semelhante à de nossa querida Ana, e meu Henry fez tudo que podia, ainda assim não foi o suficiente. O final eu já esperava que fossem os dois separados, afinal para muitos é o correto, mas fiquei triste, pois acredito que o amor, quando verdadeiro atravessa até os limites da religião. Mas o importante é que apesar de toda dor, Ana seguiu em frente com aquilo que acredita ser o certo. Foi muito bom acompanhar, adorei Bel.

Relato da leitora Verônica Reis.



Entre a fé
e a paixão

Isabel Tavares